JULIO CORTÁZAR

BESTIÁRIO

Tradução (revista) de
Remy Gorga, filho

CCSP-01058791
LBN 169120

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Sistema Alexandria
A.L.: 1274709
Tombo: 1749136

Título original: BESTIARIO
© 1986, by Aurora Bernardez

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 - CEP 22.251 - Botafogo - tel.: 286-7822
Endereço telegráfico: NEOFRONT - Telex: 34695 ENFS BR
Rio de Janeiro, RJ

Revisão tipográfica
UTAHY CAETANO DOS SANTOS FILHO
HENRIQUE TARNAPOLSKY
PAULO CORRÊA DA SILVA

CCC
AR863.6
C827b

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Cortázar, Julio, 1914-1984.
C854b Bestiário/Julio Cortázar; tradução (revista) de Remy Gorga, filho. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

(Contos e crônicas de autores estrangeiros)

Tradução de: Bestiário.

1. Literatura argentina — Contos. I. Gorga, Remy, 1933. II. Título. III. Série.

86-1154 CDD - 868.993203

SUMÁRIO

Casa tomada 9
Carta a uma senhorita em Paris 19
Distante 33
Ônibus 47
Cefaléia 63
Circe 83
As portas do céu 107
Bestiário 127

A Paco,
que gostava dos meus contos

CASA TOMADA

Gostávamos da casa porque, além de espaçosa e antiga (hoje que as casas antigas sucumbem à mais vantajosa liquidação de seus materiais), guardava as recordações de nossos bisavós, o avô paterno, nossos pais e toda a infância.

Habituamo-nos, Irene e eu, a permanecer nela sozinhos, o que era uma loucura, pois nessa casa podiam viver oito pessoas sem se molestarem. Fazíamos a limpeza pela manhã, levantando-nos às sete, e pelas onze eu deixava a Irene as últimas peças por repassar e ia à cozinha. Almoçávamos ao meio-dia, sempre pontuais; então não ficava nada por fazer além de uns poucos pratos sujos. Era para nós agradável almoçar pensando na casa ampla e silenciosa e em como nos bastávamos para mantê-la limpa. Às vezes chegamos a pensar que foi ela que não nos deixou casar. Irene recusou dois pretendentes sem motivo maior, eu vi morrer María Ester antes que chegássemos a nos comprometer. Entramos nos quarenta anos com a inexprimível idéia de que o nosso, simples e silencioso matrimônio de irmãos,

era o fim necessário da genealogia fundada por nossos bisavós em nossa casa. Morreríamos ali algum dia, vagos e distantes primos ficariam com a casa, e a demoliriam para enriquecerem com o terreno e os tijolos; ou melhor, nós mesmos a derrubaríamos, inflexivelmente, antes que fosse demasiado tarde.

Irene era uma moça nascida para não fazer mal a ninguém. Fora sua atividade matinal, passava o resto do dia tricotando no sofá do seu quarto. Não sei por que tricotava tanto. Acho que as mulheres tricotam quando encontram nesse trabalho o grande pretexto para não fazer nada. Irene não era assim, tricotava coisas sempre necessárias, camisolas para o inverno, meias para mim, cachenês e coletes para ela. Às vezes tricotava um colete e depois o desfazia rapidamente, porque alguma coisa não lhe agradava; era engraçado ver, na cestinha, o montão de lã encrespada, recusando-se a perder a forma de algumas horas antes. Aos sábados, eu ia ao centro para lhe comprar lã; Irene tinha confiança no meu gosto, aprovava as cores e nunca precisei devolver uma só meada. Aproveitava essas saídas para dar uma volta pelas livrarias e perguntar inutilmente se havia novidades em literatura francesa. Desde 1939 nada de importante chegava à Argentina.

É da casa, porém, que me interessa falar, da casa e de Irene, porque eu não tenho importância. Pergunto-me o que teria feito Irene sem tricotar. Uma pessoa pode reler um livro, mas quando um pulôver está pronto não é possível repeti-lo sem provocar admiração. Um dia encontrei a última gaveta da cômoda de cânfora cheia de echarpes brancas, verdes, lilases. Estavam com naftalina, empilhadas

como em uma loja; não tive coragem de perguntar a Irene o que pensava fazer com elas. Não precisávamos ganhar a vida, todos os meses chegava a renda dos campos, e o dinheiro aumentava. Mas Irene só se entretinha tricotando, mostrava uma destreza maravilhosa, e eu passava as horas vendo suas mãos como ouriços prateados, agulhas indo e vindo, e uma ou duas cestinhas no chão, onde constantemente se agitavam os novelos. Era uma beleza.

Lembro-me bem da divisão da casa. A sala de jantar, uma peça com gobelinos, a biblioteca e três quartos grandes ficavam na parte mais afastada, a que dá frente para a Rodríguez Peña. Um único corredor, com sua maciça porta de carvalho, separava essa parte da ala dianteira, onde havia um banheiro, a cozinha, nossos quartos de dormir e o *living* central, com o qual se comunicavam os quartos e o corredor. Entrava-se na casa por um saguão de azulejos, e a porta principal dava para o *living*. De maneira que a gente entrava por esse saguão, abria a porta e já estava no *living*; tinha, dos lados, as portas dos nossos quartos e, à frente, o corredor que levava à parte mais afastada; seguindo pelo corredor, ultrapassava-se a porta de carvalho e, mais adiante, começava o outro lado da casa, ou então se podia virar à esquerda, justamente antes da porta, e seguir por um corredor mais estreito, que levava à cozinha e ao banheiro. Quando a porta estava aberta, dava para ver que a casa era muito grande; caso contrário, tinha-se a impressão de um desses apartamentos que se constroem agora, onde uma pessoa mal pode se mexer. Irene e eu vivíamos sempre nesta

parte da casa, quase nunca íamos além da porta de carvalho, salvo para fazer a limpeza, pois é incrível como junta poeira nos móveis. Buenos Aires pode ser uma cidade limpa, mas isso ela deve a seus habitantes e não a outra coisa. Há demasiada poeira no ar, mal sopra uma lufada de vento e já se acha pó nos mármores dos consolos e entre os buracos das toalhas de macramé; dá trabalho tirá-lo completamente só com o espanador, voa e se suspende no ar, um momento depois se deposita de novo nos móveis e no piano.

Recordarei sempre nitidamente porque foi simples e sem circunstâncias inúteis. Irene estava tricotando em seu quarto, eram oito da noite e, de repente, eu me lembrei de levar a chaleira do mate ao fogo. Fui pelo corredor até chegar à porta de carvalho, que estava entreaberta, e dava a volta ao cotovelo que levava à cozinha quando ouvi alguma coisa na sala de jantar ou na biblioteca. O som vinha impreciso e surdo, como o tombar de uma cadeira sobre tapete ou um abafado murmúrio de conversação. E o ouvi, também, ao mesmo tempo ou um segundo depois, no fundo do corredor que vinha daquelas peças até a porta. Atirei-me contra a porta antes que fosse demasiado tarde, fechei-a violentamente, apoiando meu corpo; felizmente a chave estava do nosso lado e, além disso, passei nessa porta o grande ferrolho para maior segurança.

Fui então à cozinha, fervi a água da chaleira e, quando voltei com a bandeja do mate, disse a Irene:

— Tive que fechar a porta do corredor. Tomaram a parte dos fundos.

Deixou cair o tricô e me olhou com os seus graves olhos cansados.

— Você tem certeza?

Disse que sim.

— Então — disse, recolhendo as agulhas — teremos que viver neste lado.

Eu cevava o mate com muito cuidado, mas ela demorou um instante em recomeçar o trabalho. Lembro-me de que tricotava um colete cinzento; achava bonito esse colete.

Os primeiros dias nos pareceram penosos porque ambos tínhamos deixado muitas coisas que amávamos na parte tomada. Meus livros de leitura francesa, por exemplo, estavam todos na biblioteca. Irene sentia falta de umas toalhas, um par de chinelas que a abrigavam muito no inverno. Eu lamentava o meu cachimbo de zimbro e acho que Irene pensou em uma garrafa de Hesperidina de muitos anos. Com freqüência (mas isto só aconteceu nos primeiros dias) fechávamos alguma gaveta das cômodas e nos olhávamos com tristeza.

— Não está aqui.

E era mais uma das coisas de tudo o que tínhamos perdido no outro lado da casa.

Mas também tivemos vantagens. A limpeza ficou tão simplificada que mesmo nos levantando muito tarde, às nove e meia por exemplo, não eram onze e já estávamos de braços cruzados. Irene se acostumou a ir comigo à cozinha e me ajudava a preparar o almoço. Pensamos bem, e decidimos isto enquanto eu fazia o almoço, Irene prepararia pratos frios para a noite. Alegramo-nos porque sempre se torna in-

cômodo ter que abandonar os quartos ao entardecer e se pôr a cozinhar. Agora nos bastavam a mesa no quarto de Irene e as travessas de comida fria.

Irene estava contente porque lhe sobrava mais tempo para tricotar. Eu andava um pouco desorientado por causa dos livros, mas, para não afligir minha irmã, comecei a examinar a coleção de selos de papai, e isso me serviu para matar o tempo. Nós nos divertíamos muito, cada qual em suas coisas, quase sempre reunidos no quarto de Irene, que era mais confortável. Às vezes Irene dizia:

— Olhe só este ponto que inventei. Não se parece com um trevo?

Um instante depois era eu que lhe punha diante dos olhos um quadradinho de papel para que visse o valor de algum selo de Eupen e Malmédy. Passávamos bem, e pouco a pouco começávamos a não pensar. Pode-se viver sem pensar.

(Quando Irene sonhava em voz alta, eu acordava imediatamente. Nunca pude me habituar a essa voz de estátua ou papagaio, voz que vem dos sonhos e não da garganta. Irene dizia que meus sonhos eram grandes sacudidelas que, às vezes, faziam cair o cobertor. Nossos quartos tinham um *living* separando-os, mas de noite se escutava qualquer coisa na casa. Nós nos ouvíamos respirar, tossir, pressentíamos o gesto que conduz ao interruptor do abajur, as mútuas e freqüentes insônias.

Fora disso, tudo estava silencioso na casa. De dia, eram os rumores domésticos, o roçar metálico das agulhas de tricô, um crepitar de folhas viradas de álbum filatélico. A porta de carvalho, creio tê-lo

dito, era maciça. Na cozinha e no banheiro, próximos à parte tomada, ficávamos falando em voz mais alta, ou Irene cantava canções de ninar. Em uma cozinha há demasiado ruído de louça e vidros para que outros sons a invadam. Muito poucas vezes permitíamos ali o silêncio, mas, quando voltávamos aos quartos e ao *living*, então a casa ficava silenciosa e, à meia-luz, até pisávamos mais vagarosamente para não nos incomodar. Acho que era por isso que, de noite, quando Irene começava a sonhar em voz alta, eu a acordava imediatamente.)

É quase repetir a mesma coisa, exceto nas conseqüências. De noite sinto sede, e antes de nos deitar disse a Irene que ia à cozinha buscar um copo com água. Da porta do quarto (ela tricotava) ouvi ruído na cozinha, talvez no banheiro, porque o cotovelo do corredor diminuía o som. Minha maneira brusca de parar chamou a atenção de Irene, que veio para o meu lado sem dizer palavra. Ficamos ouvindo os ruídos, notando claramente que eram deste lado da porta de carvalho, na cozinha e no banheiro, ou mesmo no corredor, onde começava o cotovelo quase ao nosso lado.

Nem sequer nos olhamos. Apertei o braço de Irene e a fiz correr comigo até a porta, sem olhar para trás. Os ruídos ficavam mais fortes, mas sempre abafados, às nossas costas. Fechei de um golpe a porta e ficamos no saguão. Não se ouvia nada agora.

— Tomaram esta parte — disse Irene. O tricô descia de suas mãos e os fios iam até a porta e se perdiam por debaixo dela. Quando viu que os nove-

los tinham ficado do outro lado, ela largou o tricô sem ao menos olhá-lo.

— Você teve tempo de trazer alguma coisa? — perguntei-lhe inutilmente.

— Não, nada.

Estávamos com o que tínhamos no corpo. Lembrei-me dos quinze mil pesos no guarda-roupa do meu quarto. Agora era tarde.

Como me sobrava o relógio de pulso, vi que eram onze horas da noite. Cingi com meu braço a cintura de Irene (eu acho que ela estava chorando) e saímos assim à rua. Antes de nos afastarmos senti tristeza, fechei bem a porta de entrada e joguei a chave no bueiro. Não fosse algum pobre-diabo resolver roubar e entrasse na casa, a essa hora e com a casa tomada.

CARTA A UMA SENHORITA EM PARIS

Andrée, eu não queria vir morar em seu apartamento da Rua Suipacha. Não tanto pelos coelhinhos, mas porque me desagrada entrar em uma ordem fechada, já construída até nas mais finas malhas do ar, essas que em sua casa preservam a música da lavanda, o adejar de um cisne com pós, o dueto de violino e viola no quarteto de Rará. Para mim é difícil entrar em um ambiente onde alguém que vive confortavelmente dispôs tudo como uma reiteração visível de sua alma, aqui os livros (de um lado em espanhol, do outro em francês e inglês), ali os almofadões verdes, neste exato lugar da mesinha o cinzeiro de cristal que parece a metade de uma bolha de sabão, e sempre um perfume, um som, um crescer de plantas, uma fotografia de amigo morto, ritual de bandejas com chá e pinças de açúcar... Ah, querida Andrée, como é difícil opor-se, embora aceitando-a com inteira submissão do próprio ser, à minuciosa ordem que uma mulher instaura em sua agradável residência. Como é condenável pegar uma tacinha de metal e pô-la na outra extremidade

da mesa, pô-la ali simplesmente porque alguém trouxe seus dicionários de inglês e é deste lado, ao alcance da mão, que deverão estar. Mexer nessa tacinha vale por um horrível vermelho inesperado em meio a uma modulação de Ozenfant, como se de repente as cordas de todos os contrabaixos rebentassem ao mesmo tempo com a mesma espantosa chicotada no instante mais suave de uma sinfonia de Mozart. Mexer nessa tacinha altera o jogo de relações de toda a casa, de um objeto com outro, de cada momento de sua alma com a alma inteira da casa e sua distante moradora. E eu não posso aproximar os dedos de um livro, ajustar de leve o cone de luz de um lampião, abrir a tampa da caixa de música, sem que um sentimento de ultraje e desafio me passe pelos olhos como um bando de pardais.

Você sabe por que vim a sua casa, a seu tranqüilo salão festejado de sol. Tudo parece tão natural, como sempre que não se sabe a verdade. Você foi a Paris, eu fiquei com o apartamento da Rua Suipacha, elaboramos um simples e satisfatório plano de mútua conveniência, até que setembro a traga de novo a Buenos Aires e me atire a alguma outra casa onde talvez... Mas não lhe escrevo por isso, escrevo esta carta por causa dos coelhinhos, me parece justo informá-la; e porque gosto de escrever cartas, e talvez porque chove.

Mudei-me na quinta-feira passada, às cinco da tarde, entre névoa e tédio. Fechei tantas malas em minha vida, passei tantas horas preparando bagagens que não levavam a parte nenhuma, que aquela quinta-feira foi um dia cheio de sombras e correias, porque quando vejo as correias das malas é como se

visse sombras, partes de um látego que me açoita indiretamente, da maneira mais sutil e mais horrível. Mas fiz as malas, avisei sua criada que viria me instalar aqui, e subi de elevador. Precisamente entre o primeiro e o segundo andar, senti que ia vomitar um coelhinho. Nunca lhe contara antes, não pense, porém, que por deslealdade, mas naturalmente a gente não vai ficar explicando aos outros que, de quando em quando, vomita um coelhinho. Como isso sempre me tem sucedido estando só, escondia o fato como se escondem tantos detalhes do que acontece (ou a gente faz acontecer) na intimidade total. Não me censure, Andrée, não me censure. De quando em quando me acontece vomitar um coelhinho. Não é razão para não viver em qualquer casa, não é razão para que a gente deva se envergonhar e estar isolado e andar se calando.

Quando sinto que vou vomitar um coelhinho, ponho dois dedos na boca como uma pinça aberta, e espero sentir na garganta a penugem morna que sobe como uma efervescência de sal de frutas. Tudo é rápido e higiênico, transcorre em um brevíssimo instante. Tiro os dedos da boca, e neles trago preso pelas orelhas um coelhinho branco. O coelhinho parece contente, é um coelhinho normal e perfeito, só que muito pequeno, pequeno como um coelhinho de chocolate, mas branco e completamente um coelhinho. Ponho-o na palma da mão, levanto sua penugem com uma carícia dos dedos, o coelho parece satisfeito de haver nascido e bole e esfrega o focinho na minha pele, movimentando-o com essa trituração silenciosa e cosquenta do focinho de um coelho contra a pele de uma mão. Procura comer, e então

eu (falo de quando isto acontecia em minha casa de campo) o levo comigo à varanda e ponho-o no grande vaso onde cresce o trevo que plantei para esse fim. O coelhinho levanta bem suas orelhas, envolve o trevo novo com um veloz molinete do focinho, e eu sei que posso deixá-lo e ir embora, continuar por algum tempo uma vida não diferente da de tantos que compram seus coelhos nas granjas.

Entre o primeiro e o segundo andar, Andrée, como um aviso do que seria minha vida em sua casa, soube que ia vomitar um coelhinho. Em seguida tive medo (ou era surpresa? Não, medo da própria surpresa, talvez), porque antes de deixar minha casa, só dois dias antes, tinha vomitado um coelhinho e estava livre por um mês, cinco semanas, talvez seis com um pouco de sorte. Veja você, eu tinha resolvido completamente o problema dos coelhinhos. Plantava trevo na varanda da minha outra casa, vomitava um coelhinho, punha-o no trevo e, ao fim de um mês, quando suspeitava que de um momento para outro... então dava o coelho já crescido à Sra. de Molina, que imaginava um *hobby* meu e não dizia nada. Já em outro vaso vinha crescendo um trevo novo e oportuno, eu esperava despreocupado a manhã em que a cosquinha de uma penugem subindo me fechava a garganta, e o novo coelhinho repetia desde aquele momento a vida e os costumes do anterior. Os costumes, Andrée, são formas concretas do ritmo, são a quota de ritmo que nos ajuda a viver. Não era tão horrível vomitar coelhinhos, uma vez que isso havia entrado no ciclo invariável, no método. Você há de querer saber por que todo esse trabalho, por que todo esse trevo e a Sra. de Molina. Te-

ria sido preferível matar imediatamente o coelhinho e... Ah, você teria que vomitar um que fosse, pegá-lo com dois dedos e colocá-lo na mão aberta, ainda aderido a você pelo próprio ato, pela aura inefável de sua proximidade recém-partida. Um mês distancia tanto; um mês é tanto, pêlos compridos, saltos, olhos selvagens, diferença absoluta. Andrée, um mês é um coelho, faz de verdade um coelho; mas o minuto inicial, quando o floco morno e buliçoso encobre uma presença inconfundível... Como um poema nos primeiros minutos, o fruto de uma noite de Iduméia: tão da gente que a gente mesmo... e depois tão não a gente, tão isolado e distante em seu raso mundo branco tamanho carta.

Decidi, contudo, matar o coelhinho mal nascesse. Eu viveria quatro meses em sua casa: quatro — talvez, com sorte, três — colheradas de álcool no focinho. (Você sabe que a misericórdia permite matar instantaneamente um coelhinho dando-lhe de beber uma colherada de álcool? Sua carne então sabe melhor, dizem, embora eu... Três ou quatro colheradas de álcool, em seguida o banheiro ou um pacote se somando ao lixo.

Ao passar pelo terceiro andar o coelhinho se mexia em minha mão aberta. Sara esperava em cima, para me ajudar a entrar com as malas... Como lhe explicar que um capricho, uma casa que vende animais? Embrulhei o coelhinho no meu lenço, coloquei-o no bolsinho do sobretudo, deixando-o desabotoado para não espremê-lo. Mal se mexia. Sua miúda consciência devia estar revelando fatos importantes: que a vida é um movimento para cima com um clique final, e que é também um céu baixo,

branco, envolvente e cheirando a lavanda, no fundo de um poço morno.

Sara não viu nada, fascinava-a o muito duro problema de ajustar o seu sentido de ordem a minha mala-roupeiro, meus papéis e minha displicência diante de suas elaboradas explicações, em que abunda a expressão "por exemplo". Tão logo pude, me fechei no banheiro; matá-lo agora. Uma fina zona de calor rodeava o lenço, o coelhinho era branquíssimo e acho que mais lindo que os outros. Não me olhava, apenas bulia e estava contente, o que era o mais horrível modo de me olhar. Encerrei-o no pequeno armário vazio e voltei-me para desfazer as malas, desorientado mas não infeliz, não culpado, não ensaboando as mãos para tirar delas uma última convulsão.

Compreendi que não podia matá-lo. Mas nessa mesma noite vomitei um coelhinho negro. E dois dias depois um branco. E na quarta noite um coelhinho cinzento.

Você deve amar o belo armário do seu quarto, com aquela grande porta que se abre generosa, as prateleiras vazias à espera da minha roupa. Guardo-os ali agora. Ali dentro. Verdade que parece impossível; nem Sara acreditaria. Porque Sara não desconfia de nada, e o fato de que não desconfie de nada se deve a minha horrível tarefa, uma tarefa que consome meus dias e minhas noites num só golpe de rastelo e vai me queimando por dentro e endurecendo como aquela estrela-do-mar que você pôs sobre a banheira e que a cada banho parece en-

cher o corpo da gente de sal e açoites do sol e grandes rumores da profundidade.

De dia dormem. São dez. De dia dormem. Com a porta fechada, o armário é uma noite diurna só para eles, e lá eles dormem sua noite com sossegada obediência. Levo comigo as chaves do quarto ao sair para o trabalho. Sara deve pensar que ponho em dúvida a honradez dela e me olha desconfiada, noto todas as manhãs que está para me dizer alguma coisa, mas por fim se cala, e eu fico muito contente... (Quando arruma o quarto, das nove às dez, faço ruído na sala, ponho um disco de Benny Carter que toma todo o ambiente, e como Sara é também amiga de *saetas* e *pasodobles,* o armário parece silencioso e talvez esteja mesmo, porque para os coelhinhos agora é noite e hora de descanso.)

O dia deles principia nessa hora que vem depois do jantar, quando Sara leva a bandeja com um miúdo tilintar de pinças de açúcar, me deseja boa-noite — sim, deseja, Andrée, o mais triste é que me deseja boa-noite — e se fecha em seu quarto e imediatamente estou só, só com o maldito armário, só com meu dever e minha tristeza.

Deixo-os sair, se lançarem ágeis ao assalto do salão, cheirando lépidos o trevo que meus bolsos ocultavam e agora faz no tapete efêmeras rendas que eles alteram, removem, acabam num instante. Comem bem, calados, corretos, até esse instante nada tenho a dizer, só os olho do sofá, com um livro inútil na mão — eu que queria ler todos os seus Giraudoux, Andrée, e a história argentina de López que você tem na prateleira mais baixa —; e comem o trevo.

São dez. Quase todos brancos. Levantam a morna cabeça para as lâmpadas do salão, os três sóis imóveis do seu dia, eles que amam a luz porque sua noite não tem lua nem estrelas nem lampiões. Olham seu triplo sol e estão contentes. Por isso, pulam pelo tapete, pelas cadeiras, dez suaves manchas se movimentam como uma constelação móvel, de um lado para outro, embora eu quisesse vê-los quietos, vê-los a meus pés e quietos — um pouco o sonho de todo deus, Andrée, o sonho jamais realizado dos deuses —, não assim, se insinuando atrás do retrato de Miguel de Unamuno, à volta do grande jarro verde-claro, pela negra cavidade da escrivaninha, sempre menos de dez, sempre seis ou oito, e eu me perguntando onde andarão os dois que faltam, e se Sara se levantasse por qualquer coisa, e a Presidência de Rivadavia que eu queria ler na história de López.

Não sei como resisto, Andrée. Você recorda que vim descansar em sua casa. Não tenho culpa se de quando em quando vomito um coelhinho, se esta mudança me alterou também por dentro — não é nominalismo, não é magia, é apenas que as coisas não podem mudar assim de repente, às vezes as coisas mudam brutalmente e quando a gente esperava a bofetada à direita. Assim, Andrée, ou de outra maneira, mas sempre assim.

Escrevo-lhe de noite. São três da tarde, mas escrevo na noite deles. De dia dormem. Que alívio este escritório coberto de gritos, ordens, máquinas Royal, vice-presidentes e mimeógrafos! Que alívio, que paz, que horror, Andrée! Agora me chamam ao telefone, são os amigos que se inquietam com minhas noites recolhidas, é Luís que me convida a caminhar ou Jorge que reservou entradas para um concerto. Quase não me atrevo a lhes dizer que não, invento prolongadas e ineficazes histórias de má saúde, de traduções atrasadas, de evasão. E quando retorno e subo de elevador — aquela passagem, entre o primeiro e o segundo andar — renovo noite a noite irremediavelmente a vã esperança de que não seja verdade.

Faço o que posso para que não destrocem suas coisas. Roeram um pouco os livros da prateleira mais baixa, você os encontrará dissimulados para que Sara não note. Você gostava muito do lampião com o ventre de porcelana cheio de borboletas e antigos cavaleiros? O trincado mal se percebe, trabalhei toda noite com uma cola especial que me venderam em uma casa inglesa — você sabe que as casas inglesas têm as melhores colas — e agora fico ao lado dele para que nenhum dos coelhos o alcance outra vez com as patas (é quase belo ver como gostam de se pôr em pé, lembrança do humano distante, talvez imitação de seu deus deambulando e os olhando carrancudo; além disso você terá percebido — em sua infância, talvez — que se pode deixar um coelhinho em penitência contra a parede, de pé, as patinhas apoiadas e muito quieto horas a fio).

As cinco da manhã (dormi um pouco, estendido no sofá verde, e acordando a cada corrida aveludada, a cada tilintar) eu os ponho no armário e faço a limpeza. Por isso Sara encontra tudo em ordem, embora às vezes eu tenha notado nela algum espanto contido, um estar olhando um objeto, uma leve descoloração do tapete, e de novo o desejo de

me perguntar alguma coisa, mas eu, assobiando as variações sinfônicas de Franck, faço que nem é comigo. Para que lhe contar, Andrée, as minúcias desventuradas desse amanhecer surdo e vegetal, em que caminho entredormido levantando cabos de trevo, folhas soltas, pêlos brancos, aos encontrões nos móveis, louco de sono, e meu Gide que se atrasa, Troyat que não traduzi, e minhas respostas a uma senhora distante que já estará se perguntando se...? Para que continuar com tudo isto, para que continuar esta carta que escrevo entre telefones e entrevistas.

Andrée, querida Andrée, meu consolo é que são dez e não virão mais. Faz quinze dias segurei na palma da mão um último coelhinho, depois nada, são só aqueles dez que estão comigo, sua diurna noite e agora crescendo, agora feios e nascendo o pêlo comprido, agora adolescentes e cheios de necessidades e caprichos, saltando sobre o busto de Antínoo (é Antínoo, de fato, aquele rapaz que olha cegamente?) ou se perdendo no *living* onde seus movimentos criam ruídos ressonantes, tanto que dali devo tirá-los, com medo de que Sara os ouça e apareça horripilada, talvez de camisola — porque Sara deve ser assim, com camisola — e então... Somente dez, pense você nessa pequena alegria que sinto, em meio a tudo isso, a crescente calma com que ultrapasso de volta os rígidos tetos do primeiro e do segundo andar.

Interrompi esta carta porque devia participar de um trabalho de comissões. E a continuo aqui em sua casa, Andrée, sob uma silenciosa grisalha de ama-

nhecer. É mesmo o dia seguinte, Andrée? Um pedaço em branco da página será para você o intervalo, apenas a ponte que une a minha letra de ontem à minha letra de hoje. Dizer-lhe que nesse intervalo tudo terminou, onde você vê a ponte livre eu ouço quebrar-se a cintura furiosa da água, para mim este lado do papel, este lado da minha carta não continua a calma com que eu vinha lhe escrevendo, quando eu a deixei para participar de um trabalho de comissões. Em sua cúbica noite sem tristeza dormem onze coelhinhos; talvez agora mesmo, mas não, não agora — No elevador, logo, ou ao entrar; não importa mais onde, se o quando é agora, se pode ser em qualquer agora dos que me restam.

Agora chega, escrevi isto porque me interessa provar-lhe que não fui tão culpado na destruição inevitável de sua casa. Deixarei esta carta à sua espera, seria sórdido que o Correio a entregasse a você em alguma clara manhã de Paris. Na noite passada virei os livros da segunda estante; eles já os alcançavam, ficando de pé ou saltando, roeram as lombadas para afiar os dentes — não por fome, têm todo o trevo que compro e armazeno para eles nas gavetas da escrivaninha. Rasgaram as cortinas, os forros das poltronas, a moldura do auto-retrato de Augusto Torres, encheram de pêlos o tapete e também gritaram, estiveram dando voltas sob a luz do lustre, em círculo e como que me adorando, e então gritavam, gritavam como eu não acredito que os coelhos gritem.

Quis em vão tirar os pêlos que enfeiam o tapete, aparar as beiras da fazenda roída, encerrá-los de

novo no armário. O dia sobe, talvez Sara se levante logo. É quase estranho que Sara não me importe. É quase estranho que não me importe de vê-los saltar em busca de brinquedos. Não tive tanta culpa, você verá quando chegar que muitos dos destroços estão bem reparados com a cola que comprei em uma casa inglesa, eu fiz o que pude para lhe evitar um desgosto... Quanto a mim, do dez ao onze há como um vazio insuperável. Você vê: dez estava bem, com um armário, trevo e esperança, quantas coisas se podem construir. Mas não com onze, porque dizer onze é certamente dizer doze, Andrée, doze que será treze. Então há o amanhecer e uma fria solidão na qual cabem a alegria, as recordações, você e talvez tanta coisa mais. Há esta sacada sobre Suipacha cheia de aurora, os primeiros sons da cidade. Não acredito que lhes seja difícil juntar onze coelhinhos salpicados sobre os paralelepípedos, talvez nem os notem, atarefados com o outro corpo que convém levar logo, antes que passem os primeiros colegiais.

DISTANTE

Diário de Alina Reyes

12 de janeiro

Na noite aconteceu outra vez, eu tão cansada de pulseiras e miçangas, de *pink champagne* e da cara de Renato de Viñes, oh aquela cara de foca balbuciante, de retrato de Dorian Gray na melhor das hipóteses. Deitei-me com gosto de bombom de menta, de Boogie do Banco Vermelho, de mamãe bocejante e cinzenta (como ela fica quando volta das festas, cinzenta e adormecida, enormíssimo peixe e tão pouco ela).

E Nora que diz dormir com luz, com barulho, entre os apressados relatórios de sua irmã meio despida. Como são felizes, eu apago as luzes e as mãos, me dispo aos gritos do lufa-lufa diário, quero dormir e sou um horrível sino ressoando, uma onda, a corrente que o Rex arrasta a noite toda sobre as alfenas. *Now I lay me down to sleep...* Tenho que repetir versos, ou o sistema de buscar palavras com *a*, de-

pois com *a* e *e*, com as cinco vogais, com quatro. Com duas e uma consoante (asa, olá), com três consoantes e uma vogal (três, gris) e outra vez versos, a lua desceu à forja com sua armação de nardos, o menino a olha olha, o menino a está olhando. Com três e três alternadas, cabala, laguna, animal; Aramis, lufada, reparo.

Assim passo horas: de quatro, de três e duas, e mais tarde palíndromos. Os fáceis, *salta Lenin el atlas; amigo no gima*; os mais difíceis e formosos, *áta-le, demoníaco Cain, o me delata; Anás usó tu auto, Susana.** Ou os maravilhosos anagramas: Salvador Dalí, Avida Dollars; Alina Reyes, *es la reina y*... Tão belo, este, porque abre um caminho, porque conclui. Porque a rainha e...

Não, horrível. Horrível porque abre caminho a esta que não é a rainha, e que outra vez odeio de noite. A essa que é Alina Reyes, não a rainha do anagrama; que será qualquer coisa, mendiga em Budapeste, freqüentadora de prostíbulo em Jujuy ou criada em Quetzaltenango, em qualquer lugar distante e não rainha. Mas Alina Reyes, e, por isso, ontem de noite aconteceu outra vez, senti-la e o ódio.

20 de janeiro

Às vezes sei que tem frio, que sofre, que batem nela. Posso apenas odiá-la muito, detestar as mãos que a atiram ao solo e também a ela, a ela ainda mais

*Mantidos no original, para preservar a possibilidade de leitura da direita para a esquerda. (N. do T.)

porque batem nela, porque sou eu e batem nela. Ah, não me desespera tanto quando estou dormindo ou corto um vestido ou nas horas em que mamãe recebe e eu sirvo chá à Sra. de Regules ou ao menino dos Rivas. Então me importa menos, é um pouco coisa pessoal, eu comigo; sinto-a mais dona do seu infortúnio, distante e só, mas dona. Que sofra, que enregele; e eu suporto daqui, e acho que então a ajudo um pouco. É como fazer ataduras para um soldado que ainda não foi ferido e senti-lo agradecido, que a gente o está aliviando antes, preventivamente.

Que sofra. Dou um beijo na Sra. de Regules, o chá ao menino dos Rivas, e me guardo para resistir por dentro. Digo-me: "Agora estou atravessando uma ponte gelada, agora a neve entra nos meus sapatos furados." Não é que sinta nada. Sei apenas que é assim, que em algum lugar atravesso uma ponte no instante mesmo (mas não sei se é no instante mesmo) em que o menino dos Rivas aceita o chá e mostra a sua melhor cara de tarado. Eu agüento bem porque estou só entre essa gente sem sentido, e não me desespera tanto. Nora ficou como doida na noite passada, disse: "Ora, que é que você tem?" Acontecia àquela, a mim tão longe. Alguma coisa horrível devia ter acontecido a ela, batiam nela ou se sentia doente e justamente quando Nora ia cantar Fauré e eu ao piano, olhando-o tão feliz, e Luis María com os cotovelos na cauda que lhe servia de moldura, ele me olhando contente com cara de cachorrinho, esperando ouvir os arpejos, os dois tão perto e nos querendo tanto. Assim é pior, quando conheço alguma coisa nova sobre ela, e logo

agora que estou dançando com Luis María, beijando-o ou apenas perto de Luis María. Porque a mim, à distante, não a querem. É a parte que não querem e como vai me dilacerar por dentro sentir que batem em mim ou a neve entra nos meus sapatos quando Luis María dança comigo e sua mão na minha cintura vai subindo como um calor de meio-dia, um sabor forte de laranja ou bambus chicoteados, e batem nela e é impossível resistir e então preciso dizer a Luis María que não estou bem, que é a umidade, umidade entre essa neve que não sinto, que não sinto e está entrando nos meus sapatos.

25 de janeiro

Claro, Nora veio me ver e houve uma cena. "Filhinha, é a última vez que lhe peço que me acompanhe ao piano. Fizemos um papelão." Que sabia eu de papelões, acompanhei-a como pude, me lembro que a ouvia em surdina. *Votre âme est un paysage choisi*... Mas olhava minhas mãos entre as teclas e parecia que tocavam bem, acompanhavam Nora honestamente. Luis María também olhou minhas mãos, o pobrezinho, eu acho que era porque não se animava a olhar meu rosto. Devo ficar tão estranha.

Pobre Norinha, que outra a acompanhe. (Isto parece cada vez mais um castigo, agora só me conheço lá quando vou ser feliz, quando sou feliz, quando Nora canta Fauré eu me conheço lá e não resta senão o ódio.)

Noite

As vezes é ternura, uma súbita e necessária ternura para com aquela que não é rainha e anda por aí. Gostaria de lhe mandar um telegrama, lembranças, saber que seus filhos estão bem ou que não tem filhos — porque eu acredito que lá não tenho filhos — e necessita consolo, compaixão, caramelos. Na noite passada adormeci urdindo telegramas, pontos de encontro. Chegarei quinta-feira pt. Espere-me ponte. Que ponte? Idéia que volta como volta Budapeste, acreditar na mendiga de Budapeste, onde haverá tanta ponte e neve que goteja. Então me endireitei rígida na cama e quase uivo, quase corro a acordar mamãe, a insistir para que acordasse. Tudo isso só por pensar. Ainda não é fácil dizê-lo. Tudo isso só por pensar que eu poderia ir agora mesmo a Budapeste, se realmente eu o quisesse. Ou a Jujuy, ou a Quetzaltenango. (Busquei estes nomes páginas atrás.) Não resolvem, seria igual dizer Três Arroios, Kobe, Florida n.º 400. Só resta Budapeste porque *ali* é o frio, ali batem em mim e me afrontam. Ali (eu sonhei, não é mais que um sonho, mas como adere e se insinua até a vigília) há alguém que se chama Rod — ou Erod, ou Rodo — e ele bate em mim e eu o amo, não sei se o amo mas me deixo bater, isso volta todo o dia, então é certo que o amo.

Mais tarde

Mentira. Sonhei Rod ou o fiz com uma imagem qualquer de sonho, já usada e tão simples. Não há

Rod, hão de me castigar lá, mas quem sabe se é um homem, uma mãe furiosa, uma solidão.

Ir para me buscar. Dizer a Luis María: "Vamos nos casar, me leva a Budapeste, a uma ponte onde há neve e alguém." Eu digo: e se estou lá? (Porque eu penso em tudo com a secreta vantagem de não querer acreditar a fundo. E se estou lá?) Bem, se estou... Mas só louca, só... Que lua-de-mel!

28 de janeiro

Pensei uma coisa curiosa. Faz três dias que não chega nada da distante. Talvez agora não batam nela, ou terá conseguido proteção. Mandar-lhe um telegrama, umas meias... Pensei uma coisa curiosa. Chegava à horrível cidade e era de tarde, tarde esverdeada e aquosa como não são nunca as tardes se a gente não as ajuda imaginando. Pelo lado da Dobrina Stana, na Perspectiva Skorda, cavalos eriçados de estalagmites e esbirros rígidos, pães fumegantes e flocos de vento ensoberbecendo as janelas. Andar pela Dobrina com passo de turista, o mapa no bolsinho do meu vestido azul (com esse frio e fui deixar o casaco de pele no Burglos), até uma praça junto ao rio, quase em cima do rio trovejante de gelos quebrados e barcaças e algum martim-pescador que lá se chamará *sbunáia tjéno* ou algo pior.

Depois da praça imaginei que vinha a ponte. Pensei e não quis continuar. Era a tarde do concerto de Elsa Piaggio de Tarelli no Odeón, me vesti sem vontade adivinhando que depois a insônia estaria me esperando. Este pensar de noite, tão de noite... Quem sabe se não me perderia. A gente inventa nomes ao viajar pensando, recorda-os num instante:

Dobrina Stana, sbunáia tjéno, Burglos. Mas não sei o nome da praça, é um pouco como se de verdade tivesse chegado a uma praça de Budapeste e estivesse perdida por não saber o seu nome; ali onde um nome é uma praça.

Já vou, mamãe. Chegaremos a tempo a seu Bach e a seu Brahms. É um caminho tão simples. Sem praça, sem Burglos. Nós aqui, Elsa Piaggio lá. Que tristeza ter me interrompido, saber que estou em uma praça (mas isto não é mais verdade, só, o penso e isso é menos que nada). E que no fim da praça começa a ponte.

Noite

Começa, continua. Entre o final do concerto e o primeiro bis achei seu nome e o caminho. A Praça Vladas, a Ponte dos Mercados. Pela Praça Vladas segui até o nascimento da ponte, um pouco andando e querendo às vezes parar em casas ou vitrinas, em meninos abrigadíssimos e monumentos com altos heróis de embranquecidas capas, Tadeo Alanko e Vladislas Néroy, bebedores de tócai e cimbalistas. Eu via aplaudir Elsa Piaggio entre um Chopin e outro Chopin, pobrezinha, e de minha poltrona se saía diretamente à praça, com a entrada de ponte entre vastíssimas colunas. Mas isto eu pensava, atenção, o mesmo que fazer anagramas com *es la reina y...* em vez de Alina Reyes, ou imaginar mamãe na casa dos Suárez e não a meu lado. É bom não cair no meu gosto: isso é coisa minha, nada mais que ter vontade, a vontade real. Real porque Alina, ora vamos — Não a outra coisa, não o sentir que ela tem frio ou

que a maltratam. Isto eu desejo e o continuo por gosto, para saber aonde vai, para saber se Luis María me leva a Budapeste, se nos casamos e lhe peço que me leve a Budapeste. É mais fácil sair a procurar esta ponte, sair a minha procura e me encontrar como agora, porque já andei a metade da ponte entre gritos e aplausos, entre *Albéniz!* e mais aplausos e *A Polonaise!*, como se isto tivesse sentido entre a neve perigosa que me empurra com o vento pelas costas, mãos de toalha de esponja me levando pela cintura até o meio da ponte.

(É mais cômodo falar no presente. Isto era às oito, quando Elsa Piaggio tocava o terceiro bis, acho que Julián Aguirre ou Carlos Guastavino, alguma coisa com grama e passarinhos.) Mas fiquei canalha com o tempo, não lhe tenho mais respeito. Lembro-me que um dia pensei: "Lá me batem, lá a neve entra nos meus sapatos e eu sei disto na hora, quando lá está me acontecendo eu fico sabendo na mesma hora. Mas por que na mesma hora? Talvez chegue tarde, talvez não tenha acontecido ainda. Talvez baterão nela daqui a catorze anos, ou já é uma cruz e um número no cemitério de Santa Úrsula." E me parecia bonito, possível, tão idiota. Porque atrás disso a gente sempre cai no tempo igual. Se agora ela estivesse realmente entrando na ponte, sei que o sentiria agora mesmo e daqui. Lembro-me de que parei para olhar o rio que estava como maionese encrespada, batendo contra os pilares, enfurecidíssimo e soando e chicoteando. (Isto eu pensava.) Valia a pena assomar ao parapeito da ponte e sentir nas orelhas a quebra do gelo ali embaixo. Valia a pena ficar, um pouco pela vista, um pouco pelo medo que me

vinha de dentro — ou era o desabrigo, a nevada violenta e o meu casaco de pele no hotel. E depois porque eu sou modesta, sou uma moça sem vaidades, mas quero saber de outra a que tenha acontecido a mesma coisa, que viaje à Hungria em pleno Odeón. Isso faz qualquer um sentir frio, cara, aqui ou na França.

Mamãe, porém, me puxava pela manga, quase já não havia gente na platéia. Escrevo até aqui, sem vontade de continuar me lembrando do que pensei. Vai me fazer mal se continuo me lembrando. Mas é verdade, verdade; pensei uma coisa curiosa.

30 de janeiro

Pobre Luis María, que burrice se casar comigo. Não sabe o que está pondo em cima dos ombros. Ou embaixo, como diz Nora, que posa de intelectual emancipada.

31 de janeiro

Iremos lá. Concordou com tanta coisa que quase grito. Senti medo, achei que ele entra muito facilmente neste jogo. E não sabe de nada, é como o peãozinho da dama que termina a partida sem saber. Peãozinho Luis María, ao lado de sua rainha. *De la reina y —*

7 de fevereiro

Para se curar. Não escreverei o final do que tinha

pensado no concerto. Na noite passada eu a senti sofrer outra vez. Sei que lá estarão batendo de novo em mim. Não posso evitar de sabê-lo, mas chega de palavras. Se me houvesse limitado a registrar isso por gosto, por desabafo... Era pior, um desejo de conhecer ao ir relendo; de encontrar chaves em cada palavra atirada ao papel depois dessas noites. Como quando pensei a praça, o rio quebrado e os ruídos, e depois... Mas não o escrevo, não o escreverei jamais.

Ir lá e me convencer de que o celibato me fazia mal, nada mais que isso, ter vinte e sete anos e sem homem. Agora será meu cachorrinho, meu bobinho, chega de pensar, e agora ser, ser afinal e para o bem.

E apesar disso, já que terminarei este diário, porque a gente ou se casa ou escreve um diário, as duas coisas não andam juntas — Já agora não me agrada deixá-lo sem dizer isto com alegria de esperança, com esperança de alegria. Vamos lá, mas não há de ser como o pensei na noite do concerto. (Escrevo-o, e chega de diário para o meu bem.) Eu a encontrarei na ponte e nos olharemos. Na noite do concerto eu sentia nas orelhas a quebra do gelo ali embaixo. E será a vitória da rainha sobre essa aderência maligna, usurpação indevida e surda. Entregar-se-á se realmente sou eu, se somará à minha zona iluminada, mais bela e verdadeira; apenas por ir a seu lado e apoiar uma mão no seu ombro.

Alina Reyes de Aráoz e seu esposo chegaram a

Budapeste a 6 de abril e se hospedaram no Ritz. Isso foi dois meses antes do seu divórcio. Na tarde do segundo dia Alina saiu para conhecer a cidade e o degelo. Como gostava de caminhar sozinha — era rápida e curiosa — andou por vinte lados procurando vagamente alguma coisa, mas sem se determinar muito, deixando que o desejo escolhesse e se expressasse com bruscos arrancos que a levavam de uma vitrina a outra, mudando de calçadas e lojas.

Chegou à ponte e a atravessou até a metade, andando agora com dificuldade porque a neve batia de frente e do Danúbio cresce um vento de baixo, difícil, que prende e fustiga. Sentia como a saia se grudava nas coxas (não estava bem abrigada) e, de repente, um desejo de voltar, voltar à cidade conhecida. Na metade da ponte desolada a andrajosa mulher de cabelo negro e lasso esperava com alguma coisa firme e ávida na cara sinuosa, nas rugas das mãos meio fechadas mas já se estendendo. Alina chegou junto a ela repetindo, agora o sabia, gestos e distâncias como depois de um ensaio geral. Sem temor, libertando-se afinal — acreditava-o com um sobressalto terrível de júbilo e frio — chegou junto a ela e estendeu também as mãos, se negando a pensar, e a mulher da ponte se apertou contra seu peito e as duas se abraçaram rígidas e caladas na ponte, com o rio estilhaçado golpeando nos pilares.

Alina sentiu o fecho da bolsa que a força do abraço cravava entre os seios como uma laceração doce, suportável. Apertava a magríssima mulher sentindo-a inteira e absoluta dentro do seu abraço, com um crescer de felicidade igual a um hino, a um soltar de pombas, ao rio cantando. Fechou os olhos

na fusão total, recusando as sensações de fora, a luz crepuscular; repentinamente tão cansada, mas certa de sua vitória, sem celebrá-lo por tão seu e finalmente.

Pareceu-lhe, docemente, que uma das duas chorava. Devia ser ela porque sentiu molhadas as faces, e o próprio pômulo doendo como se tivesse ali levado um golpe. Também o pescoço, e logo os ombros, curvados por fadigas incalculáveis. Ao abrir os olhos (talvez gritasse agora) viu que se haviam separado. Agora, sim, gritou. De frio, porque a neve estava entrando por seus sapatos furados, porque andando a caminho da praça ia Alina Reyes lindíssima em seu vestido cinzento, o cabelo um pouco solto contra o vento, sem voltar o rosto e andando.

ÔNIBUS

— Se não lhe for incômodo, traga-me *El Hogar** quando voltar pediu Dona Roberta, reclinando-se na poltrona para a sesta. Clara punha em ordem os remédios na mesinha de rodas, percorria a peça com um olhar minucioso. Não faltava nada, a menina Matilde ficaria cuidando da Dona Roberta, a copeira estava a par do necessário. Agora podia sair, com toda a tarde do sábado para ela só, a amiga Ana esperando-a para conversar, o chá dulcíssimo às cinco e meia, o rádio e os chocolates.

Às duas, quando a onda dos empregados já atravessou os umbrais de tantas casas, Vila do Parque fica deserta e luminosa. Clara desceu por Tinogasta e Zamudio pisando firmemente, saboreando um sol de novembro partido por ilhas de sombras que as árvores da Agronomia arremessavam no seu caminho. Na esquina da Avenida San Martín com Nogoyá, enquanto esperava o ônibus 168, ouviu uma

*Antiga revista argentina, dedicada às tarefas domésticas da mulher. (N. do T.)

batalha de pardais sobre sua cabeça. e a torre florentina de San Juan María Vianney pareceu-lhe mais vermelha contra o céu sem nuvens, tão alto de dar vertigem. Dom Luis, o relojoeiro, passou e cumprimentou atencioso, como se elogiasse sua figura esmerada, os sapatos que a faziam mais esbelta, a golinha branca sobre a blusa creme. Pela rua vazia veio preguiçosamente o 168, soltando seu seco bufido insatisfeito ao abrir a porta para Clara, única passageira na esquina quieta da tarde.

Buscando as moedas na bolsa cheia de coisas, demorou a pagar a passagem. O cobrador esperava com cara de poucos amigos, retacão e mal-encarado sobre suas pernas cambotas, treinado para agüentar as curvas e as freadas. Clara lhe disse duas vezes: "De quinze", sem que o sujeito tirasse os olhos de cima dela, como que estranhando alguma coisa. Depois, lhe deu a passagem rosa, e Clara se lembrou de um verso de infância, alguma coisa como: "Marca, marca, cobrador, uma passagem azul ou rosa; canta, canta alguma coisa, enquanto contas o dinheiro." Sorrindo com a lembrança, buscou banco no fundo, encontrou vazio o que correspondia à *Porta de Emergência,* e se instalou com o miúdo prazer de proprietário que o lado da janelinha sempre dá. Então viu que o cobrador continuava olhando para ela. E na esquina da ponte da Avenida San Martín, antes de virar, o motorista se voltou e também a olhou, com dificuldade por causa da distância, mas procurando até distingui-la, muito afundada em seu banco. Era um louro ossudo com cara de fome, que trocou umas palavras com o cobrador, os dois olharam Clara, olharam-se, o ônibus deu um

solavanco e se meteu por Chorroarín a toda velocidade.

"Bobalhões", pensou Clara entre lisonjeada e nervosa. Ocupada em guardar a passagem no moedeiro, observou de esguelha a senhora do grande ramo de cravos que viajava no banco da frente. Então a senhora olhou para ela, voltou-se sobre o ramo e a olhou docemente como uma vaca sobre uma cerca, e Clara tirou o espelhinho e, distraída, ficou estudando seus lábios e sobrancelhas. Sentia agora na nuca uma impressão desagradável; a suspeita de outra impertinência fez com que se voltasse rapidamente, aborrecida de verdade. A dois centímetros de seu rosto estavam os olhos de um velho de colarinho duro, com um ramo de margaridas compondo um cheiro quase nauseabundo. No fundo do ônibus, instalados no largo banco verde, todos os passageiros olharam para Clara, que suportou seus olhares com um esforço crescente, sentindo que cada vez ficava mais difícil, não pela coincidência dos olhos postos nela nem pelos ramos que levavam os passageiros; antes porque tinha esperado um desenlace gentil, uma razão de riso por ter o nariz tisnado (mas não o tinha); e sobre o seu começo de riso pousavam, gelando-a, esses olhares atentos e contínuos, como se os ramos a estivessem olhando.

Subitamente inquieta, deixou deslizar um pouco o corpo, fixou os olhos no estragado encosto dianteiro, examinando a alavanca da porta de emergência e sua inscrição *Para abrir a porta* PUXE A MANIVELA *para dentro e levante-se,* examinando as letras uma a uma sem conseguir reuni-las em palavras. Conquistava assim uma zona de segu-

rança, uma trégua para pensar. É natural que os passageiros olhem ao que recém sobe, é comum que as pessoas levem flores quando vão a Chacarita*, e é quase comum que todos no ônibus tenham flores. Passavam diante do Hospital Alvear, e do lado de Clara se estendiam os terrenos baldios, em cuja extremidade distante está a Estrela, zona de sujos charcos, cavalos amarelos amarrados pelo pescoço. Clara achava difícil se afastar de uma paisagem que o brilho duro do sol não conseguia alegrar, mas uma vez ou outra se atrevia a dirigir um rápido olhar ao interior do carro. Rosas vermelhas e copos-de-leite, gladíolos horríveis mais distantes, parecendo machucados e sujos, cor de rosa-velho com manchas lívidas. O senhor da terceira janelinha (olhava-a, agora não, agora de novo) levava cravos quase negros apertados em uma só massa contínua, como uma pele rugosa. As duas meninas de nariz cruel que se sentavam na frente, em um dos bancos laterais, sustentavam entre ambas o ramo dos pobres, crisântemos e dálias, mas elas não eram pobres, estavam vestidas com casaquinhos bem cortados, saias pregueadas, meias brancas três-quartos, e olhavam para Clara com altivez. Quis fazê-las baixar os olhos, pirralhas insolentes, mas eram quatro pupilas fixas e também o cobrador, o senhor dos cravos, o calor na nuca por causa de toda essa gente detrás, o velho do colarinho duro tão perto, os jovens do banco posterior, a Paternal: passagens de Cuenca terminam.

*Bairro de Buenos Aires, onde está localizado um cemitério. (N. do T.)

Ninguém descia. O homem subiu agilmente, enfrentando o cobrador que o esperava no meio do carro, olhando suas mãos. O homem tinha vinte centavos na mão direita e com a outra alisava o casaco. Esperou, indiferente, o exame: "De quinze", ouviu Clara. Como ela: de quinze. Mas o cobrador não destacava a passagem, continuava olhando o homem, que afinal percebeu e fez um gesto de impaciência cordial: "Eu lhe disse de quinze." Pegou a passagem e esperou o troco. Antes de recebê-lo, já havia deslizado levemente até o lugar vazio ao lado do senhor dos cravos. O cobrador lhe deu os cinco centavos, olhou-o um pouco mais, de cima, como se examinasse sua cabeça; ele nem notava, distraído na contemplação dos cravos negros. O senhor examinava-o, uma ou duas vezes olhou-o rapidamente e ele passou a lhe devolver o olhar; os dois viravam a cabeça quase ao mesmo tempo, mas sem provocações, nada mais que se olhando. Clara continuava furiosa com as meninas da frente, que a olhavam por um longo tempo, e depois ao novo passageiro; houve um momento, quando o 168 iniciava sua corrida pegado ao paredão de Chacarita, em que todos os passageiros estavam olhando para o homem e também para Clara, só que já não a olhavam diretamente, porque se interessavam mais pelo recém-chegado, mas era como se a incluíssem em seu olhar, unissem os dois na mesma observação. Que gente boba, essa, porque até as pirralhas não eram tão crianças, cada um com seu ramo e obrigações pela frente, e se portando com essa grosseria toda. Teria gostado de prevenir o outro passageiro, uma silenciosa fraternidade sem razões crescia em Cla-

ra. Dizer a ele: "Você e eu tiramos passagem de quinze", como se isso os aproximasse. Tocar no seu braço, aconselhá-lo: "Não se dê por achado, são uns impertinentes, metidos aí atrás das flores como bobos." Teria gostado que ele viesse sentar a seu lado, mas o rapaz — na realidade era jovem, embora tivesse duras marcas no rosto — se deixara cair no primeiro lugar livre que teve a seu alcance. Com um gesto meio divertido meio irritado, se empenhava em devolver o olhar do cobrador, das duas meninas, da senhora com os gladíolos; e agora o senhor dos cravos vermelhos estava com a cabeça voltada para trás e olhava Clara, olhava-a inexpressivamente, com uma doçura opaca e flutuante de pedra-pomes. Clara lhe devolvia o olhar teimosa, se sentindo oca; tinha vontade de descer (mas essa rua, a essa altura, e enfim por nada, por não ter um ramo); notou que o rapaz parecia inquieto, olhava de um lado a outro, depois para trás, e ficava surpreendido ao ver os quatros passageiros do banco posterior e o ancião do colarinho duro com as margaridas. Seus olhos passaram pelo rosto de Clara, detendo-se um segundo em sua boca, em seu queixo; da frente vinham os olhares do cobrador e das duas menininhas, da senhora dos gladíolos, até que o rapaz se voltou para olhá-los desanimado. Clara mediu sua aflição de minutos antes pela que agora inquietava o passageiro. "E o coitado com as mãos vazias", pensou absurdamente. Achava nele algo de indefeso, só com os olhos para deter aquele fogo frio desabando sobre ele de todas as partes.

Sem parar, o 168 entrou nas duas curvas que dão acesso à esplanada defronte ao átrio do cemitério.

As meninas vieram pelo corredor e pararam na porta de saída; do fundo, vinham alinhadas as margaridas, os gladíolos, os copos-de-leite. Atrás havia um grupo confuso e as flores cheiravam para Clara, quietinha em sua janelinha, mas tão aliviada por ver quanta gente descia, como viajaria bem o resto do percurso. Os cravos negros apareceram no alto, o passageiro se levantara para deixar sair os cravos negros, e ficou de lado, quase metido em um banco vazio diante do de Clara. Era um belo rapaz, simples e simpático, talvez um empregado de farmácia, ou um guarda-livros, ou um construtor. O ônibus parou suavemente, e a porta bufou ao se abrir. O rapaz esperou que as pessoas descessem para escolher à vontade outro lugar, enquanto Clara participava da paciente espera dele e se impacientava com o desejo de que os gladíolos e as rosas descessem de uma vez. Já então estava aberta a porta e todos em fila, olhando-a e olhando o passageiro, sem descer, olhando-os entre os ramos que se agitavam como se houvesse vento, um vento de debaixo da terra e que mexesse as raízes das plantas e agitasse em bloco os ramos. Saíram os copos-de-leite, os cravos vermelhos, os homens de trás com seus ramos, as duas meninas, o velho das margaridas. Ficaram os dois sozinhos e o 168 pareceu de repente menor, mais cinzento, mais bonito. Clara achou certo e quase necessário que o passageiro sentasse a seu lado, embora tivesse todo o ônibus para escolher. Ele sentou e os dois baixaram a cabeça e se olharam as mãos. Estavam aí, eram simplesmente mãos; nada mais.

— Chacarita! — gritou o cobrador.

Clara e o passageiro responderam a seu impa-

ciente olhar com uma simples fórmula: "Temos passagens de quinze." Mas só pensaram nela, e era suficiente.

A porta continuava aberta. O cobrador se aproximou deles.

— Chacarita — disse, quase explicativamente.

O passageiro nem o olhava, mas Clara teve pena dele.

— Vou a Retiro — disse, e lhe mostrou o bilhete. *Marca marca cobrador uma passagem azul ou rosa.* O motorista estava quase fora do banco, olhando-os; o cobrador se virou indeciso, fez um sinal. Bufou a porta traseira (ninguém tinha subido na frente) e o 168 pegou velocidade com solavancos coléricos, leve e solto em uma correria que pôs um peso no estômago de Clara. Ao lado do motorista, o cobrador se segurava agora ao barrote cromado e os olhava profundamente. Eles lhe devolviam o olhar, e estiveram assim até a curva de entrada em Dorrego. Depois Clara sentiu que o rapaz pousava devagar a mão na sua, como se estivesse aproveitando que não podiam vê-lo lá da frente. Era uma mão suave, muito morna, e ela não retirou a sua, mexeu-a lentamente até levá-la ao extremo da coxa quase sobre o joelho. Um vento de velocidade envolvia o ônibus em plena marcha.

— Tanta gente — disse ele, quase sem voz. — E de repente descem todos.

— Levavam flores a Chacarita — disse Clara. — Nos sábados, muita gente vai aos cemitérios.

— Sim, mas...

— Era um pouco estranho, sim. Você notou...?

— Sim — disse ele, quase lhe cortando a palavra.

— Com você aconteceu o mesmo, eu notei.

— É estranho: agora não sobe mais ninguém.

O veículo freou brutalmente, barreira do Central Argentino. Deixaram-se levar adiante, aliviados pelo salto de surpresa, pelo solavanco. O veículo tremia como um corpo enorme.

— Vou a Retiro — disse Clara.

— Eu também.

O cobrador não saíra do lugar, agora falava colérico com o motorista. Viram (sem dar a perceber que estavam atentos à cena) como o motorista abandonava seu banco e vinha pelo corredor até eles, com o cobrador seguindo seus passos. Clara notou que os dois olhavam o rapaz e que este ficava tenso, como que reunindo forças; tremeram suas pernas, o ombro que se apoiava no dela. Então uivou horrivelmente uma locomotiva a toda velocidade, uma fumaça negra cobriu o sol. O fragor do expresso cobria as palavras que o motorista devia estar dizendo; parou a dois bancos deles, agachando-se como quem vai saltar. O cobrador conteve-o pondo uma mão no ombro, mostrou imperativo as barreiras que já se levantavam enquanto passava o último vagão com um estrépito de ferros. O motorista apertou os lábios e voltou correndo a seu posto; com um salto raivoso o 168 enfrentou os trilhos, a ladeira oposta.

O rapaz soltou o corpo e se deixou deslizar suavemente no banco.

— Nunca me aconteceu uma coisa assim — disse, como que falando a si mesmo.

Clara queria chorar. E o choro estancado, disponível mas inútil. Mesmo sem pensar nisso, tinha

consciência de que tudo estava bem, que viajava em um 168 vazio sem contar o outro passageiro, e que todo o protesto contra essa ordem podia ser resolvido tocando a campainha e descendo na primeira esquina. Mas tudo estava bem assim; e só sobrava a idéia de descer, de afastar essa mão que de novo tinha apertado a dela.

— Estou com medo — disse, simplesmente. — Se pelo menos tivesse posto umas violetas na blusa.

Ele a olhou, olhou sua blusa lisa.

— Às vezes gosto de levar um jasmim-do-cabo na lapela — disse. — Hoje saí apressado e nem prestei atenção.

— Que pena. Mas a verdade é que vamos a Retiro.

— Claro, vamos a Retiro.

Era diálogo, um diálogo. Cuidar dele, alimentá-lo.

— A gente não poderia levantar um pouquinho a janelinha? Eu sufoco aqui dentro.

Ele a olhou surpreendido, porque o que sentia era frio. O cobrador cuidava deles de esguelha, falando com o motorista; o 168 não voltara a parar depois da barreira e agora já estavam dando a volta em Canning e Santa Fe.

— Este banco tem a janelinha fixa — disse ele. — É o único banco do ônibus que vem assim, por causa da porta de emergência.

— Ah — disse Clara.

— Podíamos passar a um outro.

— Não, não. — Apertou os dedos dele, detendo seu movimento de se levantar. — Quanto menos a gente se mexer, melhor.

— Bem, mas poderíamos levantar a janelinha da frente.

— Não, por favor, não.

Ele esperou, pensando que Clara ia acrescentar alguma coisa; ela, porém, se fez menor no banco. Olhava-o agora de cheio para escapar à atração que vinha lá da frente, dessa cólera que chegava até eles como um silêncio ou um calor. O passageiro pôs a outra mão sobre o joelho de Clara, e ela aproximou a sua e ambos se comunicaram silenciosamente pelos dedos, pelo morno acariciar das palmas.

— Às vezes a gente é tão descuidada — disse timidamente Clara. — Pensa que trouxe tudo e sempre esquece alguma coisa.

— É que não sabíamos.

— Bem, dá no mesmo. Eles olhavam para mim, principalmente aquelas meninas, e me senti muito mal.

— Eram insuportáveis — protestou ele. — Você viu como combinaram cravar os olhos em nós?

— Afinal de contas o ramo era de crisântemos e dálias — disse Clara. — Mas pareciam a mesma coisa.

— Porque os outros as encorajavam — afirmou ele com irritação. — O velho do meu banco, com seus cravos mal-arranjados, aquela cara de pássaro. Só não vi bem os do fundo. Você acredita que todos...?

— Todos — disse Clara. — Eu os vi mal tinha subido. Subi em Nogoyá com Avenida San Martín, e quase em seguida eu me virei e vi que todos, todos...

— Ainda bem que desceram.

Pueyrredón, freada em seco. Um policial negro se abria em cruz, acusando-se de alguma coisa em sua alta guarita. O motorista deixou o banco deslizando, o cobrador quis agarrá-lo pela manga, mas ele se soltou com violência e veio pelo corredor, olhando-os alternadamente, encolhido e com os lábios úmidos e trêmulos. "Aí dá passagem!", gritou o cobrador com uma voz estranha. Dez buzinas ladravam na traseira do ônibus, e o motorista correu aflito para o seu banco. O cobrador falou ao seu ouvido, voltando-se a cada momento para olhá-los.

— Se você não estivesse... — murmurou Clara. — Acho que se você não estivesse aqui teria me animado a descer.

— Mas você vai a Retiro — disse ele, com alguma surpresa.

— Sim, preciso fazer uma visita. Não importa, teria descido assim mesmo.

— Paguei uma passagem de quinze — disse ele. — Até Retiro.

— Eu também. O pior é que se a gente desce, depois, até que venha outro carro...

— Claro, e além disso vem lotado.

— É sempre assim. Viaja-se tão mal agora. Você viu como anda o metrô?

— Uma coisa incrível. Cansa mais a viagem que o trabalho.

Um ar verde e claro flutuava no veículo, viram o rosa-velho do Museu, a nova Faculdade de Direito, e o 168 acelerou ainda mais em Leandro N. Alem, como se estivesse com ganas de chegar. Duas vezes foi detido por guardas de trânsito, e duas vezes quis o motorista enfrentá-los; na segunda, o cobrador

pôs-se à sua frente, impedindo-o com raiva, como se o ofendesse. Clara sentia seus joelhos subirem até o peito, e as mãos de seu companheiro a desertaram bruscamente, cobrindo-se de ossos salientes, de veias rígidas. Clara não tinha visto nunca a transformação viril da mão em punho, contemplou esses objetos maciços com uma humilde confiança quase perdida sob o horror. E falavam o tempo todo das viagens, das filas em que é preciso entrar na Plaza de Mayo, da grosseria das pessoas, da paciência. Depois se calaram, olhando o muro ferroviário, e seu companheiro tirou a carteira, esteve examinando-a muito sério, tremendo um pouco os dedos.

— Falta pouco — disse Clara, endireitando-se. — Já chegamos.

— Sim. Olhe, quando dobrar em Retiro, a gente se levanta depressa para descer.

— Está bem. Quando estiver do lado da praça.

— Isto mesmo. A parada fica antes da Torre dos Ingleses. Você desce primeiro.

— Oh, dá no mesmo.

— Não, ficarei atrás para qualquer coisa. Logo que dobre eu me levanto e lhe dou passagem. Você tem que se levantar depressa e descer um degrau da porta; então eu fico atrás.

— Está bem, obrigada — disse Clara, olhando-o emocionada, e se concentraram no plano, estudando a colocação de suas pernas, os espaços a cobrir. Viram que o 168 teria sinal verde na esquina da praça: tremendo os vidros e a ponto de investir contra o cordão da calçada da praça, tomou a curva a toda velocidade. O passageiro saltou do banco para a frente, e atrás dele passou veloz Clara, jogando-se

degrau abaixo enquanto ele se voltava e a ocultava com o corpo. Clara olhava a porta, as tiras de borracha preta e os retângulos de vidro sujo; não queria ver outra coisa e tremia horrivelmente. Sentiu no cabelo a respiração do companheiro, a freada brutal atirou-os a um lado e no mesmo momento em que a porta se abria o motorista correu pelo corredor com as mãos estendidas. Clara já saltava na praça, e quando se voltou para olhar o companheiro ele também saltava e a porta bufou ao se fechar. As borrachas pretas prenderam a mão do motorista, seus dedos rígidos e brancos. Clara viu através das janelinhas que o cobrador se atirava sobre a direção para alcançar a manivela que fechava a porta.

Ele a tomou pelo braço e caminharam rapidamente pela praça cheia de crianças e sorveteiros. Não se disseram nada, mas tremiam como de felicidade e sem se olhar. Clara se deixava levar, notando vagamente a grama, os canteiros, cheirando um ar de rio que crescia de frente. O florista estava a um lado da praça; ele foi parar diante da cesta montada em cavaletes e escolheu dois ramos de amor-perfeito. Deu um a Clara, depois a fez pegar os dois enquanto puxava a carteira e pagava. Mas quando continuaram andando (ele não voltou a tomá-la pelo braço) cada um levava seu ramo, cada um ia com o seu e estava contente.

CEFALÉIA

Devemos à Dra. Margaret L. Tyler as imagens mais belas deste conto. Seu admirável poema, *Síntomas orientadores hacia los remedios más comunes del vértigo y cefaleas*, apareceu publicado na revista *Homeopatía* (publicada pela Associação Médica Homeopática Argentina) ano XIV, n.º 32, abril de 1946, p. 33ss.

Agradecemos também a Ireneo Fernando Cruz haver-nos iniciado, durante uma viagem a San Juan, no conhecimento das mancúspias.

Cuidamos das mancúspias até bastante tarde, agora com o calor do verão enchem-se de caprichos e manhas, as menos desenvolvidas reclamam alimentação especial e nós lhes levamos aveia maltada em grandes travessas de louça; as maiores estão mudando o pêlo do lombo, de modo que é preciso pô-las de lado, vesti-las com um cobertor e cuidar para que não se juntem à noite com as mancúspias que dormem em gaiolas e recebem alimento a cada oito horas.

Não nos sentimos bem. Isto acontece desde a manhã, talvez pelo vento quente que soprava ao amanhecer, antes que nascesse este sol alcatroado que bateu na casa todo o dia. Dá trabalho atender aos animais enfermos — isto se faz às onze — e examinar as crias depois da sesta. Parece-nos cada vez mais penoso continuar, cumprir a rotina; desconfiamos que uma única noite de desatenção poderá ser funesta para as mancúspias, a ruína irreparável de nossa vida. Andamos então sem refletir, cumprindo um após o outro os atos que o hábito de-

termina, parando apenas para comer (há farelos de pão na mesa e sobre a sapata do *living*) ou nos olhar no espelho que duplica o dormitório. De noite caímos repentinamente na cama, e o hábito de escovar os dentes antes de dormir cede à fadiga, mal é substituído por um gesto que busca o lampião ou os remédios. Do lado de fora se ouve as mancúspias adultas andando em círculo sem parar.

Não nos sentimos bem. Um de nós é *Aconitum*, o que quer dizer que deve se medicar com acônito em altas diluições se, por exemplo, o medo lhe causa vertigem. *Acônito é uma violenta tormenta, que passa logo*. De que outro modo descrever o contra-ataque a uma ansiedade que nasce de qualquer insignificância, do nada. Uma mulher se defronta repentinamente com um cachorro e começa a se sentir violentamente enjoada. Então acônito, e em pouco tempo só fica um enjôo doce, com tendência a desaparecer (isto nos ocorreu, mas era um caso *Bryonia*, o mesmo que sentir que afundávamos com, ou através da cama).

O outro, em compensação, é marcadamente *Nux vomica*. Depois de levar a aveia maltada às mancúspias, talvez por se agachar muito ao encher a gamela, sente de repente como se lhe girasse o cérebro, não que tudo gire em torno — a vertigem em si —, mas a visão é que gira, dentro dele a consciência gira como um giroscópio em seu aro, e fora tudo está tremendamente imóvel, só que fugindo e inalcançável. Temos pensado se não será talvez um quadro de *Phosphorus*, porque além de tudo apavora-o o perfume das flores (ou o das mancúspias pequenas, que cheiram levemente a lilás) e coincide fisicamente com o quadro fosfórico: é alto, magro, sonha com bebidas geladas, sorvetes e sal.

De noite não é tanto, a fadiga e o silêncio nos ajudam — porque o rondar das mancúspias marca docemente este silêncio do pampa — e às vezes dormimos até o amanhecer e nos desperta um esperançado sentimento de alívio. Se um de nós sai da cama antes do outro, pode acontecer contudo que assistamos consternados à repetição de um fenômeno *Camphora monobromata*, pois acredita que caminha em uma direção quando, na realidade, caminha em outra. É horrível, vamos com toda a certeza até o banheiro, e de repente sentimos no rosto a pele nua do grande espelho. Quase sempre tomamos isso por brincadeira, porque é preciso pensar no trabalho que espera, e de nada serviria desanimarmos tão depressa. Procura-se as drágeas, cumpre-se sem comentários nem desânimos as instruções do Dr. Harbín. (Talvez em segredo sejamos um pouco *Natrum muriaticum*. Tipicamente um *Natrum* chora, mas ninguém deve observá-lo. É triste, é reservado; gosta de sal.)

Quem pode pensar em tantas vaidades se o trabalho nos espera nos currais, na invernada e no tambo? Leonor e Chango já estão se alvoroçando lá fora, e quando saímos com os termômetros e as bacias para o banho, os dois se atiram ao trabalho como querendo se cansar logo, organizando o seu ócio da tarde. Sabemos disso muito bem, por isso nos alegra ter saúde para realizar nós mesmos cada coisa. Enquanto não passe disto e não apareçam as cefaléias, podemos continuar. Agora é fevereiro, em

maio as mancúspias estarão vendidas e nós a salvo por todo o inverno. Ainda podemos continuar.

As mancúspias nos distraem muito, em parte porque estão cheias de sagacidade e malevolência, em parte porque sua criação é um trabalho sutil, que exige uma precisão incessante e minuciosa: Não temos por que nos estender, mas isto é um exemplo: um de nós tira as mancúspias mães das gaiolas de invernada — são seis e meia da manhã — e as reúne no curral de pastos secos. Deixa-as retouçar vinte minutos, enquanto o outro retira os filhotes das casinhas numeradas, onde cada um tem sua história clínica, verifica rapidamente a temperatura retal, devolve a sua casinha os que passam de 37, 1°, e por um tubo de lata traz o restante para se reunir às mães, para a amamentação. Talvez seja este o momento mais belo da manhã, comove-nos o alvoroço das pequenas mancúspias e suas mães, sua ruidosa e permanente tagarelice. Apoiados na cerca do curral esquecemos a imagem do meio-dia que se aproxima, da penosa tarde inadiável. Por momentos sentimos um pouco de medo de olhar para o chão do curral — um evidente quadro *Onosmodium* —, mas passa e o sol nos salva do sintoma complementar, da cefaléia, que se agrava com a escuridão.

Às oito é hora do banho, um de nós vai atirando punhados de sais Krüschen e farelo nas bacias, a outra dirige o Chango, que traz baldes de água morna. As mancúspias mães não gostam do banho, é preciso pegá-las com cuidado pelas orelhas e as patas, segurando-as como coelhos, e mergulhá-las repetidamente nas bacias. As mancúspias se desesperam

e ficam eriçadas, isso é o que queremos para que os sais penetrem até a pele tão delicada.

A Leonor cabe dar de comer às mães, o que faz muito bem; nunca a vimos errar na distribuição das porções. Dá a elas aveia maltada, e duas vezes por semana leite com vinho branco. Desconfiamos um pouco de Chango, parece-nos que bebe o vinho; seria melhor guardar a bordalesa dentro, mas a casa é pequena e depois esse cheiro doce que recende nas horas de sol alto.

Talvez isto que estamos dizendo fosse monótono e inútil se não estivesse mudando lentamente dentro de sua repetição; nos últimos dias — agora que entramos no período crítico da desmama — um de nós deve ter reconhecido, com que amarga concordância, o progresso de um quadro *Silica*. Começa no exato momento em que nos domina o sono, é um perder a estabilidade, um pulo para dentro, uma vertigem que sobe pela coluna vertebral até o interior da cabeça; igual ao subir rastejante (não há outra descrição) das pequenas mancúspias pelas estacas dos currais. Então, de repente, sobre o poço negro do sono onde já caímos deliciosamente, somos aquela estaca dura e difícil pela qual trepam, brincando, as mancúspias. E é pior fechando os olhos. Assim se vai o sono, ninguém dorme com os olhos abertos, morremos de cansaço mas basta um leve abandono para sentir a vertigem que desafia, um vaivém no crânio, como se a cabeça estivesse cheia de coisas vivas que giram a seu redor. Como mancúspias.

E é tão ridículo, provou-se que aos doentes *Silica* faz falta silício, areia. E nós aqui, rodeados de du-

nas, em um pequeno vale ameaçado por dunas imensas, faltando-nos areia na hora de dormir.

Contra a probabilidade de que isto progrida, preferimos perder algum tempo nos medicando com todo rigor; notamos às doze horas que a reação é favorável, e a tarde de trabalho decorre sem problemas, apenas, talvez, uma ligeira desarrumação das coisas, de repente, como se os objetos parassem diante de nós, levantando-se sem se mexer; uma sensação de aresta viva em cada nível. Desconfiamos de uma mudança para *Dulcamara*, mas não é fácil ter certeza.

No ar flutuam leves as plumas das mancúspias adultas, depois da sesta vamos com tesouras e umas bolsas de borracha ao curral alambrado onde Chango as reúne para a tosquia. Já em fevereiro faz frio de noite, as mancúspias precisam do pêlo porque dormem estendidas e carecem da proteção que se dão a si mesmos os animais que se dobram encolhendo as patas. Apesar disso perdem o pêlo do lombo, ele nasce devagar e ao ar livre, o vento levanta do curral uma fina névoa de pêlos que fazem cócegas no nariz e nos fustigam até dentro de casa. Reunimos então as mancúspias e tosamos o seu lombo a meia altura, com cuidado para não privá-las de calor; quando cai esse pêlo, muito curto para flutuar no ar, vai se formando um pó amarelado que Leonor molha com a mangueira e junta diariamente em uma bola de massa que, depois, se atira ao poço.

Um de nós tem, entretanto, que acasalar os machos com as mancúspias jovens, pesar os filhotes enquanto Chango lê em voz alta o peso do dia anterior, verificar o progresso de cada mancúspia e se-

parar as menos desenvolvidas para submetê-las a uma superalimentação. Isto nos ocupa até o anoitecer; falta só a aveia da segunda comida, que Leonor distribui rapidamente, e engaiolar as mancúspias mães enquanto as mais novas protestam e teimam em continuar a seu lado. É Chango quem se encarrega da separação, quando nós já estamos na varanda controlando. Às oito fecham-se as portas e janelas; às oito ficamos sozinhos lá dentro.

Antes era um momento agradável, a lembrança de episódios e de esperanças. Mas desde que não nos sentimos bem, parece que esta hora ficou mais pesada. Inutilmente nos enganamos com a arrumação da botica — é freqüente que a ordem alfabética dos remédios se altere por descuido —; no fim, sempre vamos ficando calados à mesa, lendo o manual de Álvares Toledo (*Estuda-te a ti mesmo*) ou o de Humphreys (*Guia homeopático*). Um de nós teve com intermitência uma fase *Pulsatila*, vale dizer que tende a se mostrar volúvel, chorona, exigente, irritável. Isto aflora ao anoitecer e coincide com o quadro *Petroleum* que afeta o outro, um estado no qual tudo — coisas, vozes, lembranças — passa por cima dele, intumescendo-o e o entorpecendo. Assim não há choque, apenas um sofrer paralelo e tolerável. Depois, às vezes vem o sono.

Também não gostaríamos de pôr nestas notas uma ênfase progressiva, um crescer articulado até o estouro patético da grande orquestra, depois do qual decrescem as vozes e se reingressa em uma calma de saciedade. Às vezes estas coisas que registramos já nos aconteceram (como a grande cefaléia *Glonoinum* no dia em que nasceu a segunda ninhada

de mancúspias), às vezes é agora ou de manhã. Achamos necessário documentar estas fases para que o Dr. Harbín junte-as à nossa história clínica assim que voltemos a Buenos Aires. Não somos hábeis, sabemos que de repente nos afastamos do tema, mas o Dr. Harbín prefere conhecer os detalhes circunstanciais de cada quadro. Esse roçar na janela do banheiro que ouvimos de noite pode ser importante. Pode ser um sintoma *Cannabis indica;* sabe-se agora que um *Cannabis indica* tem sensações exaltadas, com exageração de tempo e distância. Pode ser uma mancúspia que fugiu e vem, como todas elas, para a luz.

No começo éramos otimistas, mas ainda não perdemos a esperança de ganhar um bom dinheiro com a venda das crias jovens. Levantamo-nos cedo, medindo o crescente valor do tempo na fase final, e no começo quase não nos afeta a fuga de Chango e Leonor. Sem aviso prévio, sem observar o estatuto, esses grandes filhos-da-puta nos abandonaram ontem de noite, levando o cavalo e a charrete, o cobertor de uma de nós, o lampião a carbureto, o último número do *Mundo Argentino*. Pelo silêncio nos currais desconfiamos de sua ausência, é preciso apressar-se para levar as crias à amamentação, preparar os banhos, a aveia maltada. Todo o tempo pensamos que não se deve pensar no que passou, trabalhamos sem admitir que agora estamos sozinhos, sem cavalo para vencer as seis léguas até Puan, com provisões para uma semana, e vigiados por vagabundos, agora que nas outras cidades se difundiu o estúpido rumor de que criamos mancúspias e ninguém mais se aproxima com medo de doenças.

Só trabalhando e com saúde podemos tolerar uma conjuração que nos aflige por volta do meio-dia, no intervalo para o almoço (uma de nós abre apressadamente uma lata de línguas e outra de ervilhas, frita presunto com ovos), que recusa a idéia de não dormir a sesta e nos encerra na sombra do quarto com mais solidez que as portas de duplo ferrolho. Só agora lembramos com nitidez a noite passada maldormida, essa curiosa vertigem, transparente, se nos é permitido inventar esta expressão. Ao acordar, quando nos levantamos, olhando para a frente, qualquer objeto — vamos dizer, por exemplo, o roupeiro — é visto rodando a uma velocidade variável e se desviando de forma inconstante para um flanco (lado direito); enquanto ao mesmo tempo, através do redemoinho, observa-se o mesmo roupeiro firmemente de pé e sem se mover. Não é preciso pensar muito para distinguir aí um quadro *Cyclamen,* de modo que o tratamento atua em poucos minutos e nos equilibra para caminhar e trabalhar. Muito pior perceber em plena sesta (quando as coisas são tão elas mesmas, quando o sol as faz encolher duramente em suas arestas) que no curral das mancúspias grandes há agitação e tagarelice, uma súbita e inquietante renúncia ao repouso que as engorda. Não queremos sair, o sol alto seria a cefaléia, como admitir agora a possibilidade de cefaléia quando tudo depende do nosso trabalho. Mas devemos fazê-lo, cresce a inquietação das mancúspias e é impossível continuar dentro de casa quando dos currais chega um rumor jamais ouvido, então vamos para fora protegidos por cascas de cortiça, separamo-nos depois de um rápido conciliábulo,

uma de nós corre até as gaiolas das mães enquanto o outro examina os fechos das portas, o nível da água no tanque australiano, a possível irrupção de uma raposa ou um gato-do-mato. Mal chegamos à entrada dos currais e já o sol nos enceguece, como albinos vacilamos entre as labaredas brancas, gostaríamos de continuar o trabalho mas é tarde, o quadro *Belladona* arrasa-nos até nos precipitar esgotados na fundura sombria do galpão. Congestionados, cara vermelha e quente; pupilas dilatadas. Pulsação violenta no cérebro e carótidas. Violentas pontadas e ferroadas. Cefaléia com tremores. A cada passo, tremor para baixo como se houvesse um peso no occipital. Agulhadas e pontadas. Dor com ruído; como se se empurrasse o cérebro; e pior se agachando, como se o cérebro caísse para fora, como se fosse empurrado para a frente, ou os olhos estivessem por sair das órbitas. (*Como* isto, *como* aquilo; mas nunca como é de verdade.) Pior com os ruídos, tremores, movimento, luz. E de repente pára, a sombra e o frescor levam-na em um instante, deixam-nos uma gratidão maravilhada, um desejo de correr e sacudir a cabeça, espantar-se porque um minuto antes... Mas há o trabalho, e agora desconfiamos que a inquietação das mancúspias se deve à falta de água fresca, à ausência de Leonor e Chango — são tão sensíveis que devem sentir, de algum modo, essa ausência —, e um pouco porque estranham a mudança nos trabalhos da manhã, nossa lentidão, nossa pressa.

Como não é dia de tosquia, um de nós se ocupa do acasalamento previsto e do controle do peso; é fácil notar que de ontem para hoje as crias pioraram sen-

sivelmente. As mães comem mal, farejam prolongadamente a aveia maltada antes de se dignarem a morder a morna massa alimentícia. Executamos silenciosos as últimas tarefas, agora a chegada da noite tem outro sentido que não queremos examinar, já que não nos afastamos, como antes, de uma ordem estabelecida e em pleno funcionamento, de Leonor e Chango e das mancúspias em seus lugares. Fechar as portas da casa é deixar abandonado um mundo sem leis, entregue aos acontecimentos da noite e da madrugada. Entramos temerosos e extremamente cuidadosos, retardando o momento, incapazes de adiá-lo e por isso furtivos e nos esquivando, com toda a noite que espera como um olho.

Por sorte temos sono, a insolação e o trabalho podem mais que uma inquietação incomunicada, vamos adormecendo sobre os restos frios que mastigamos penosamente, as fatias de ovo frito e pão molhado no leite. Alguma coisa roça outra vez na janela do banheiro, acreditamos ouvir corridas furtivas no teto; não sopra vento, é noite de lua cheia e os galos cantariam à meia-noite, se tivéssemos galos. Vamos para a cama sem falar, repartindo entre nós, quase às apalpadelas, a última dose do tratamento. Com a luz apagada — mas não é bem isso, não há luz apagada, simplesmente falta luz, a casa é uma treva sem fundo e por fora tudo lua cheia — queremos dizer alguma coisa e é só um perguntar pelo amanhã, pelo modo de conseguir comida, chegar ao povoado. Então dormimos. Uma hora, não mais, o fio cinzento que puxa a janela mal se moveu até a cama. Logo estamos sentados no escuro porque se ouve melhor. Alguma coisa está acontecendo

às mancúspias, o ruído é agora um clamor raivoso ou aterrorizado, distingue-se o uivo agudo das fêmeas e o ulular mais rude dos machos, interrompem-se de repente e pela casa se movimenta uma lufada de silêncio, então outra vez o clamor cresce no fundo da noite e da distância. Não pensamos em sair, já é muito estar ouvindo-as, um de nós duvida se os gritos vêm de fora ou daqui de dentro, porque há momentos em que nascem como de dentro mesmo, e no decorrer dessa hora entramos em um quadro *Aconitum*, onde tudo se confunde e nada é menos certo que seu contrário. Sim, as cefaléias vêm com tal violência que mal se pode descrevê-las. Sensação de dilaceramento, de queimação no cérebro, no couro cabeludo, com medo, com febre, com angústia. Suor e dor na testa, como se ali houvesse um peso que pressionasse para fora: como se tudo fosse arrancado pela testa. *Aconitum* é repentino; selvagem; pior pelos ventos frios, com inquietação, angústia, medo. As mancúspias rondam a casa, inútil repetir que estão nos currais, que os cadeados resistem.

Não notamos o amanhecer, até as cinco nos abate um sono sem repouso do qual emergem nossas mãos, na hora certa, para levar as pílulas à boca. Faz pouco que batem na porta do *living*, as batidas crescem com raiva, até que um de nós deixa que os chinelos entrem em seus pés e se arrastem até a chave. É a polícia com a notícia da prisão de Chango; trazem de volta a charrete, suspeitaram do roubo e do abandono. É preciso assinar uma declaração, tudo está bem, o sol alto e um grande silêncio nos currais. Os policiais olham os currais, um deles tapa o nariz

com o lenço, faz como quem tosse. Dizemos logo o que eles querem, assinamos, e vão embora quase correndo, passam longe dos currais e os olham, também para nós olharam, arriscando uma espiada aqui para dentro (sai um vento estancado pela porta), e vão embora quase correndo. É muito estranho que esses grosseirões não queiram espiar mais, fogem como se estivessem pesteados, passam agora a galope pelo caminho lateral.

Uma de nós parece decidir pessoalmente que o outro irá em seguida buscar alimento com a charrete, enquanto cumprimos a tarefa matinal. Subimos desanimados, o cavalo está cansado porque o trouxeram de um tirão, vamos saindo devagar e olhando para trás. Tudo está em ordem, então não eram as mancúspias que fizeram aqueles ruídos na casa, precisaremos pôr veneno para os ratos no teto, espanta o ruído que um único rato pode fazer de noite. Abrimos os currais, reunimos as mães mas sobra pouco da aveia maltada e as mancúspias brigam ferozmente, se arrancam pedaços do lombo e do pescoço, seu sangue verte e é preciso separá-las a chicote e gritos. Depois disso a amamentação das crias é penosa e imperfeita, nota-se que os filhotes estão famintos, alguns vacilam ao correr ou se apóiam nos alambrados. Há um macho morto à entrada de sua gaiola, inexplicavelmente. E o cavalo resiste a trotar, já estamos a dez quadras da casa e ainda anda a passo, a cabeça caída, resfolegando. Desanimados empreendemos a volta, chegamos a tempo de ver como os últimos restos de alimento se perdem em um agitar de luta.

Voltamos relutantes à varanda. No primeiro de-

grau há um filhote de mancúspia morrendo. Nós o levantamos, colocamos em uma cesta com palha, gostaríamos de saber o que tem mas ele morre com a morte sombria dos animais. E os cadeados estavam intactos, não se sabe como esta mancúspia pôde escapar, se a sua morte é a escapatória ou se escapou porque estava morrendo. Nós lhe demos dez pílulas de *Nux vomica* no bico, ficam ali como perolazinhas, já não pode engolir. De onde estamos se vê um macho caído sobre as mãos; tenta levantar-se com uma sacudida, mas volta a cair como se rezasse.

Parece-nos ouvir gritos, tão perto de nós que olhamos até debaixo das cadeiras de palha da varanda; o Dr. Harbín nos preveniu contra as reações animais que atacam de manhã, não tínhamos pensado que pudesse ser uma cefaléia assim. Dor occipital, de quando em quando um grito: quadro de *Apis,* dores como picadas de abelha. Inclinamos a cabeça para trás, ou a afundamos no travesseiro (em algum momento chegamos à cama). Sem sede, mas suando; pouca urina, gritos alucinantes. Como machucados, sensíveis ao tato; em certo momento nos demos as mãos e foi horrível. Até que cessa, paulatinamente, deixando-nos o temor de uma repetição com variante animal, como aconteceu já uma vez: depois da abelha, o quadro da serpente. São duas e meia.

Preferimos completar estas informações enquanto dura a luz e estamos bem. Um de nós deveria ir agora ao povoado, depois da sesta será muito tarde para voltar, e ficar sozinhos toda a noite na casa, talvez sem poder nos medicar... A sesta se interrompe silenciosa, faz calor nas peças, se vamos à varanda o branco agressivo da terra, dos galpões e dos telhados nos expulsa. Outras mancúspias morreram mas o que sobra delas está calado, só muito de perto alguém poderia ouvi-las respirar. Uma de nós acha que conseguiremos vendê-las, que devemos ir ao povoado. O outro faz estas anotações mas já não acredita muito no que faz. Que passe logo o calor, venha logo a noite. Saímos quase às sete, ainda há um punhado de alimentos no galpão, sacudindo as bolsas cai um pó de aveia que cuidadosamente juntamos. Elas o cheiram e a agitação nas gaiolas é violenta. Não nos atrevemos a soltá-las, é melhor pôr uma colherada em cada gaiola, assim parece que ficam mais satisfeitas, que é mais justo. Nem sequer tiramos as mancúspias mortas, não nos explicamos como há dez gaiolas vazias, como parte das crias anda misturada com os machos no curral. Mal se enxerga, agora anoitece de repente e Chango nos roubou o lampião a carbureto.

Parece como se no caminho, junto ao mato de salgueiros, houvesse gente. Seria o momento de chamar para que alguém fosse ao povoado; ainda há tempo. Às vezes achamos que nos espiam, as pessoas são tão ignorantes e nos têm tanto sob seus olhos. Preferimos não pensar e fechamos a porta com alegria, recolhidos à casa onde tudo é mais nosso. Gostaríamos de consultar os manuais para nos precaver de um novo *Apis,* ou de outro animal ainda pior; acabamos de jantar e lemos em voz alta, quase sem ouvir. Algumas frases se erguem sobre outras, e do lado de fora tudo é igual, algumas mancúspias uivam mais alto que o resto, fazem perdurar e repe-

tem um ulular lancinante. "*Crotalus cascavella* tem alucinações peculiares..." Um de nós repete a menção, alegra-nos compreender tão bem o latim, crótalo cascavel, mas isto é dizer a mesma coisa porque cascavel equivale a crótalo. Talvez o manual não queira impressionar os doentes comuns com a menção direta do animal. E mesmo assim fala nela, esta terrível serpente... "cujo veneno atua com espantosa intensidade". Temos que forçar a voz para nos ouvir entre o clamor das mancúspias, outra vez nós as ouvimos perto de casa, nos tetos, roçando nas janelas, contra as vergas da porta. De algum modo isso não é mais estranho, de tarde vimos tantas gaiolas abertas, mas a casa está fechada e a luz na sala de jantar nos envolve em uma fria proteção enquanto nos informamos aos gritos. Tudo está claro no manual, uma linguagem direta para doentes sem preconceitos, a descrição do quadro: cefaléia e grande excitação, causadas por começar a dormir. (Mas, por sorte, não temos sono.) O crânio comprime o cérebro como um capacete de aço — por assim dizer. Alguma coisa viva caminha em círculo dentro da cabeça. (Então a casa é nossa cabeça, nós a sentimos vigiada, cada janela é uma orelha pegada ao uivar das mancúspias lá de fora.) Cabeça e peito comprimidos por uma armadura de ferro. Um ferro em brasa afundado no vértice. Não estamos certos sobre o vértice, há um momento a luz vacila, cede pouco a pouco, esquecemos de pôr em marcha o moinho quando chega a tarde. Quando não se pode mais ler, acendemos uma vela junto ao manual para terminar de conhecer os sintomas, é melhor saber, pois se mais tarde — Dores lancinantes agudas na

fonte direita, esta horrível serpente cujo veneno atua com espantosa intensidade (já lemos isso, é difícil iluminar o manual com a luz da vela), alguma coisa viva caminha em círculo dentro da cabeça, também já lemos isso e é bem assim, alguma coisa viva caminha em círculo. Não estamos inquietos, pior lá fora, se é que há lá fora. Estamos nos olhando por cima do manual, e se um de nós alude com um gesto ao uivar que cresce mais e mais, voltamos à leitura como que certos de que tudo isso está agora aí, onde alguma coisa viva caminha em círculo uivando junto às janelas, junto aos ouvidos, o uivar das mancúspias morrendo de fome.

CIRCE

*And one kiss I had of her mouth, as I took the apple from her hand. But while I bit it, my brain whirled and my foot stumbled; and I felt my crashing fall through the tangled boughs beneath her feet, and saw the dead white faces that welcomed me in the pit.**

DANTE GABRIEL ROSSETTI
The Orchard-Pit

*E um beijo colhi de sua boca, quando tirei a maçã de sua mão. Quando a mordi, porém, meu cérebro girou e meu pé falseou; e senti minha queda contundente por entre as ramagens enroscadas dos pés dela, e vi sua face mortalmente branca, que me esperava no fundo da cova.

Porque agora já não lhe importa mais, mas dessa vez ofendeu-se com a coincidência dos intermináveis falatórios, a cara servil de Mamãe Celeste contando tudo a tia Bebé, o indescritível desagrado no gesto do pai. Primeiro foi a da casa assobradada, seu jeito bovino de mexer devagar a cabeça, ruminando as palavras com sabor de bolo vegetal. E também a moça da farmácia — "não porque eu acredite, mas se fosse verdade, que coisa horrível" — e até Dom Emilio, sempre discreto como seus lápis e suas cadernetas. Todos falavam de Delia Mañara com um resto de pudor, nem um pouco convencidos de que pudesse ser assim, mas em Mario subia facilmente às faces um ar de raiva. Odiou imediatamente sua família com um inútil grito de independência. Não gostara deles nunca, só o sangue e o medo à solidão o prendiam à mãe e aos irmãos. Com os vizinhos foi direto e brutal, ofendeu Dom Emilio de alto a baixo na primeira vez em que se repetiram os comentários. Negou cumprimento à da casa assobradada como se isso pudesse afligi-la. E, quando voltava do

trabalho, entrava ostensivamente para cumprimentar os Mañara e se aproximar — às vezes com caramelos ou um livro — da moça que matara seus dois noivos.

Lembro-me mal de Delia, mas era magra e loira, muito lenta de gestos (eu tinha onze anos, o tempo e as coisas são lentas então) e usava vestidos claros com saias rodadas. Mario pensou algum tempo que a beleza de Delia e seus vestidos estimulavam o ódio daquela gente. Foi o que disse a Mamãe Celeste: "Vocês a odeiam porque ela não é gentinha, como vocês e eu mesmo", e nem piscou quando a mãe fez um gesto de atirar no rosto dele uma toalha. Depois disso veio a ruptura manifesta; eles o deixaram de lado, lavavam sua roupa como se fizessem um favor, nos domingos iam a Palermo ou a um piquenique sem sequer avisá-lo. Então Mario se aproximava da janela de Delia e atirava uma pedrinha. Às vezes ela aparecia, às vezes ele a ouvia rir lá dentro, um pouco perversamente e sem lhe dar esperanças.

Veio a luta Firpo-Dempsey* e em cada casa se chorou e houve brutais indignações, seguidas de uma humilhada melancolia quase colonial. Os Mañara se mudaram para quatro quadras adiante, e isso faz muita diferença em Almagro, de modo que os outros vizinhos começaram a cumprimentar Delia, as famílias de Victoria e Castro Barros esqueceram-se do caso e Mario continuou vendo a moça duas vezes por semana, quando voltava do banco. Já era verão e algumas vezes Delia queria sair, iam juntos às confeitarias da Rivadavia ou se sentar na Praça Once. Mario fez dezenove anos, Delia viu chegar sem festas — ainda estava de luto — os vinte e dois.

Os Mañara achavam injustificado o luto por um noivo, até mesmo Mario teria preferido um sentimento apenas interior. Era penoso presenciar o sorriso velado de Delia quando punha o chapéu diante do espelho, tão loira sobre o luto. Deixava-se vagamente adorar por Mario e os Mañara; deixava-se levar a passeios e às compras, voltar com as últimas luzes do dia e receber nos domingos de tarde. Às vezes saía sozinha e ia até o antigo bairro, onde Héctor a tinha cortejado. Mamãe Celeste a viu passar uma tarde e fechou com ostensivo desprezo as persianas. Um gato seguia Delia, todos os animais sempre se mostravam submissos a Delia, não se sabia se aquilo era amizade ou dominação, a verdade é que andavam perto dela sem que ela os olhasse. Mario notou uma vez que um cachorro se afastava quando Delia ia acariciá-lo. Ela o chamou (era na Praça Once, de tarde) e o cachorro veio manso, talvez contente, até seus dedos. A mãe dizia que Delia tinha brincado com aranhas quando pequena. Todos se assombravam, até Mario, que tinha pouco medo de aranhas. E as borboletas vinham a seu cabelo — Mario viu duas em uma única tarde, em San Isidro —, mas Delia as afugentava com um leve gesto. Héctor dera a ela um coelho branco, que morreu logo, antes de Héctor. Mas Héctor afogou-se no

* Refere-se o A. à luta pelo título mundial de boxe, entre o argentino Luís Firpo e o norte americano Jack Dempsey, disputada em Nova Iorque, a 14 de setembro de 1923, e vencida pelo último no 2.º *round*. (N. do T.)

Porto Novo, um domingo de madrugada. Foi então que Mario ouviu os primeiros falatórios. A morte de Rolo Médicis não tinha despertado a atenção de ninguém, porque meio mundo morre de síncope. Quando Héctor se suicidou, os vizinhos acharam coincidência demais, em Mario renascia a cara servil de Mamãe Celeste contando a tia Bebé, o indescritível desagrado no gesto do pai. Ainda por cima, fratura do crânio, porque Rolo caiu duro ao sair do saguão dos Mañara e, embora já estivesse morto, o golpe brutal contra o degrau foi outro detalhe desfavorável. Delia tinha ficado dentro de casa, estranho que não se despedissem na porta, mas de qualquer modo estava perto dele e foi a primeira a gritar. Ao contrário, Héctor morreu só, numa noite de nevada, cinco horas depois de ter saído da casa de Delia como em todos os sábados.

Lembro-me mal de Mario, mas dizem que fazia um lindo par com Delia. Embora ela estivesse ainda com o luto por Héctor (nunca pôs luto por Rolo, entenda-se o capricho), aceitava a companhia de Mario para passear por Almagro ou ir ao cinema. Até esse tempo Mario não se considerava ligado a Delia, a sua vida, até mesmo a sua casa. Era sempre uma "visita", e entre nós a palavra tem um sentido exato e divisório. Quando a tomava pelo braço para atravessar a rua, ou ao subir a escada da Estação Medrano, olhava às vezes sua mão apertando a seda negra do vestido de Delia. Avaliava esse branco sobre o negro, essa distância. Delia, porém, estaria próxima dele quando voltasse ao cinzento, aos chapéus claros para os domingos de manhã.

Agora que os falatórios não eram um estratagema

único, o pior para Mario era que juntavam episódios sem relação alguma para arrancar-lhes um sentido. Muita gente morre em Buenos Aires de ataques cardíacos ou asfixia por imersão. Muitos coelhos adoecem e morrem nas casas, nos pátios. Muitos cachorros recusam ou aceitam as carícias. As poucas linhas que Héctor deixou a sua mãe, os soluços que a da casa assobradada disse ter ouvido no saguão dos Mañara na noite em que Rolo morreu (mas antes da queda), o rosto de Delia nos primeiros dias... As pessoas põem tanta inteligência nessas coisas, e do jeito como, pela junção de tantos pontos, nasce afinal o pedaço de tapete — Mario veria, às vezes, o tapete com nojo, com horror, quando a insônia entrava em seu pequeno quarto para lhe tomar a noite.

"Perdoe minha morte, é impossível que entenda, mas me perdoe, mamãe." Um pedaço de papel milagrosamente arrancado das páginas da *Crítica*, esmagado por uma pedra ao lado do saco que ficou como um marco para o primeiro marinheiro da madrugada. Até aquela noite tinha sido tão feliz, é claro que andava um pouco estranho nas últimas semanas; mas não estranho, propriamente, antes distraído, olhando o nada como se visse coisas. Como se tentasse escrever alguma coisa no ar, decifrar um enigma. Todos os rapazes do Café Rubí estavam de acordo. Já com o Rolo não, seu coração falhou de súbito. Rolo era um rapaz tranqüilo, que vivia sozinho, com dinheiro e um Chevrolet Double Phaeton, de modo que poucos podiam ser comparados a ele naquele tempo. Nos saguões as coisas ressoam muito, e a da casa assobradada afirmou, du-

rante muitos dias, que o choro de Rolo tinha sido uma espécie de grito sufocado, um grito entre as mãos que querem abafá-lo e o vão cortando em pedaços. E quase em seguida o golpe atroz da cabeça contra o degrau, a corrida de Delia gritando, a agitação já inútil.

Sem se aperceber, Mario juntava pedaços de episódios, se descobria urdindo explicações paralelas às acusações dos vizinhos. Nunca perguntou a Delia, esperava vagamente alguma coisa dela. Às vezes pensava se Delia saberia exatamente o que se murmurava. Até os Mañara eram estranhos, em seu costume de falar de Rolo e Héctor sem paixão, como se estivessem de passagem. Delia se calava, protegida por um acordo precavido e incondicional. Quando Mario se incorporou, discreto como eles, os três cobriram Delia com uma fina e constante sombra, quase transparente nas terças ou nas quintas, mais palpável e cuidadosa de sábado a segunda. Delia recuperava agora uma pequena vivacidade episódica, um dia tocou piano, outra vez jogou ludo; era mais afável com Mario, fazia-o sentar-se perto da janela da sala e lhe explicava projetos de costura ou bordado. Nunca lhe falava de sobremesas ou bombons, e Mario sentia falta disso, mas o atribuía à delicadeza, ao receio de aborrecê-lo. Os Mañara elogiavam os licores de Delia; uma noite quiseram que provasse um cálice, mas Delia disse bruscamente que eram licores para mulher e que já tinha jogado fora quase todas as garrafas. "Mas Héctor..." começou chorosa sua mãe, e não disse mais para não preocupar Mario. Depois perceberam que Mario não se incomodava com a evocação dos noi-

vos. Não voltaram a falar de licores até que Delia recuperou a animação e quis experimentar novas receitas. Mario lembrava-se dessa tarde porque acabavam de promovê-lo, e a primeira coisa que fez foi comprar bombons para Delia. Os Mañara mexiam pacientemente na galena do aparelhinho com fones, e o fizeram ficar um instante na sala de jantar para que ouvisse Rosita Quiroga cantar. Logo ele lhes falou da promoção, e que trazia bombons para Delia.

— Não devia ter comprado bombons, mas vá levá-los, ela está na sala. — Eles o viram sair e se olharam até que Mañara tirou os fones como se tirasse uma coroa de louros, e a senhora suspirou, desviando os olhos. Imediatamente os dois pareciam infelizes, perdidos. Com um gesto atrapalhado, Mañara levantou a chavezinha da galena.

Delia ficou olhando a caixa e não fez muito caso dos bombons, mas quando estava comendo o segundo, de menta e recheio de nozes, disse a Mario que sabia fazer bombons. Parecia pedir desculpas por não lhe ter confiado tantas coisas antes, e começou a descrever com facilidade a maneira de fazer bombons, o recheio e os banhos de chocolate ou moca. Sua melhor receita era a dos bombons de laranja recheados de licor, e com uma agulha perfurou um dos que Mario trouxera a fim de lhe mostrar como os manipulava; Mario viu os dedos dela muito brancos agarrados ao bombom, olhando-a explicar parecia-lhe um cirurgião interrompendo um delicado momento cirúrgico. O bombom, como um miúdo camundongo entre os dedos de Delia, uma coisa diminuta mas viva, que a agulha lacerava. Ma-

rio sentiu um estranho mal-estar, uma doçura de abominável repugnância. "Jogue fora esse bombom", gostaria de ter dito. "Jogue-o longe, não o ponha na boca porque está vivo, é um rato vivo." Depois porém, a alegria da promoção voltou e ele pôde ouvir Delia repetir a receita do licor de chá, do licor de rosas... Afundou os dedos na caixa e comeu dois, três bombons seguidos. Delia sorria como se estivesse zombando. Ele estava imaginando bobagens, e foi embora temerosamente feliz. "O terceiro noivo", pensou estranhamente. "Vou lhe dizer assim: sou o terceiro noivo, mas vivo."

Agora é mais difícil falar disto, isto se confunde com outras histórias que a gente acrescenta à base de pequenos esquecimentos, de diminutas falsidades que são tecidas ininterruptamente por trás das recordações; parece que ele ia mais amiúde aos Mañara, a volta à vida de Délia cingia-o a seus gostos e a seus caprichos, e até os Mañara lhe pediram, com algum receio, que animasse Delia, e ele comprava os ingredientes para os licores, os filtros e os funis que ela recebia com uma grave satisfação, na qual Mario vislumbrava um pouco de amor, pelo menos algum esquecimento dos mortos.

Nos domingos jantava com os seus e Mamãe Celeste agradecia-lhe sem sorrir, dando a ele, porém, o melhor da sobremesa e o café bem quente. Finalmente tinham parado com os falatórios, pelo menos não se falava de Delia em sua presença. Quem sabe se os murros no menor dos Camiletti ou o amargo enfurecimento diante de Mamãe Celeste explicavam isso; Mario chegou a pensar que tinham reconsiderado tudo, absolviam Delia e até a estimavam

de novo. Nunca falou de sua casa com os Mañara nem mencionou a amiga nos jantares de domingo. Começava a pensar que era possível essa dupla vida a quatro quadras uma da outra; a esquina de Rivadavia e Castro Barros era a ponte necessária e eficaz. Teve até a esperança de que o futuro aproximasse as casas, as pessoas, surdo à mudança incompreensível que sentia — às vezes, sozinho —, como se ficasse intimamente estranho e sombrio.

Outras pessoas não visitavam os Mañara. Assustava um pouco aquela ausência de parentes ou de amigos. Mario não tinha necessidade de inventar um toque especial de campainha, todos sabiam que era ele. Em dezembro, com um calor úmido e doce, Delia conseguiu o licor de laranja concentrado, e o beberam felizes em um entardecer de temporal. Os Mañara não quiseram prová-lo, certos de que lhes faria mal. Delia não se ofendeu, mas estava transfigurada enquanto Mario sorvia deliciado o dedalzinho violáceo cheio de luz laranja, de aroma ardente. "Vou morrer de calor, mas está delicioso", disse uma ou duas vezes. Delia, que falava pouco quando estava contente, observou: "Eu o fiz para você." Os Mañara olhavam para ela como que querendo ler a receita, a minuciosa alquimia de quinze dias de trabalho.

Rolo gostara dos licores de Delia. Mario ficou sabendo por umas palavras de Mañara ditas de passagem e quando Delia não estava: "Ela fez muitos licores para ele. Mas Rolo tinha medo por causa do coração. O álcool faz mal ao coração." Ter um noivo tão fraco, Mario compreendia agora o desembaraço que notava nos gestos, na maneira de tocar

piano de Delia. Esteve a ponto de perguntar aos Mañara de que Héctor gostava, se Delia também preparava licores ou sobremesas para Héctor. Pensou nos bombons que Delia voltava a experimentar e que alinhava para secar em uma prateleira da copa. Alguma coisa lhe dizia que Delia conseguiria maravilhas com os bombons. Depois de pedir muitas vezes, obteve que ela o deixasse provar um. Já ia embora quando Delia lhe trouxe uma amostra branca e leve em uma bandejinha de prata. Enquanto o saboreava — algo levemente amargo, com um leve sabor a menta e noz-moscada misturando-se estranhamente —, Delia estava com os olhos baixos e o ar modesto. Negou-se a aceitar os elogios, não era mais do que uma tentativa e ainda estava longe do que desejava. Na visita seguinte, entretanto — também de noite, já à sombra da despedida junto ao piano —, ela lhe permitiu provar outra das suas experiências. Devia fechar os olhos para adivinhar o sabor, e Mario obediente fechou os olhos e adivinhou um sabor a tangerina, suavíssimo, vindo do mais fundo do chocolate. Seus dentes desmanchavam pedacinhos crocantes, não conseguiu sentir seu sabor, e era só a sensação agradável de encontrar um apoio entre essa polpa doce e esquiva.

Delia estava contente com o resultado, e disse a Mario que sua descrição do sabor se aproximava de sua expectativa. Entretanto era preciso experimentar mais, havia coisas sutis a equilibrar. Os Mañara disseram a Mario que Delia não voltara a sentar-se ao piano, que passava horas preparando licores e bombons. Não o diziam por censura, mas tampouco

estavam contentes; Mario adivinhou que as despesas de Delia os preocupavam. Então pediu a Delia, em segredo, uma lista das essências e substâncias necessárias. Ela fez uma coisa que nunca fizera antes, passou os braços pelo pescoço dele e o beijou na face. Sua boca cheirava um pouquinho a menta. Mario fechou os olhos, levado pela necessidade de sentir o perfume e o sabor de debaixo das pálpebras. E o beijo voltou, mais duro e suspiroso.

Não soube se lhe tinha devolvido o beijo, talvez tenha ficado quieto e passivo, provador de Delia na penumbra da sala. Ela tocou piano, como quase nunca agora, e lhe pediu que voltasse no outro dia. Nunca haviam falado com essa voz, nunca se haviam calado assim. Os Mañara suspeitaram de alguma coisa porque vieram agitando os jornais e com a notícia de um aviador perdido no Atlântico. Eram dias em que muitos aviadores ficavam na metade do Atlântico. Alguém acendeu a luz e Delia se afastou aborrecida do piano, Mario pensou por um instante que o gesto dela diante da luz tinha um pouco da fuga enceguecida da centopéia, uma louca corrida pelas paredes. Abria e fechava as mãos, parada no vão da porta, e depois voltou como que envergonhada, olhando os Mañara com um ar desconfiado; olhava-os de esguelha e sorria.

Sem surpresa, quase como uma confirmação, Mario mediu nessa noite a fragilidade da paz de Delia, o persistente peso da dupla morte. Rolo, ainda passava; Héctor era já o transbordamento, o estilhaçado que despe o espelho. Em Delia permaneciam os delicados caprichos, a manipulação de essências e animais, seu contato com coisas simples e

obscuras, a proximidade das borboletas e dos gatos, a aura de sua respiração na fronteira da morte. Prometeu a si mesmo uma compreensão sem limites, um tratamento de anos em casas bem claras e parques afastados da lembrança; talvez sem se casar com Delia, simplesmente prolongando este amor tranqüilo até que ela não visse mais uma terceira morte andando a seu lado, outro noivo, o que vem para morrer.

Pensou que os Mañara ficariam contentes quando ele começasse a trazer as essências para Delia; ao contrário, zangaram-se e se retiraram carrancudos, sem comentários, embora terminassem transigindo e saindo, sobretudo quando vinha a hora das provas, sempre na sala e quase de noite, e era preciso fechar os olhos e definir — com quantas vacilações, às vezes, pela sutileza do material — o sabor de um pedacinho de polpa nova, pequeno milagre na bandejinha de prata.

Em troca dessas atenções Mario obtinha de Delia a promessa de irem juntos ao cinema ou de passearem em Palermo. Adivinhava gratidão e cumplicidade nos Mañara cada vez que vinha buscá-la no sábado de tarde ou na manhã do domingo; era como se preferissem ficar sozinhos em casa para ouvir rádio ou jogar cartas. Mas notou também o constrangimento de Delia por sair de casa se os velhos ficavam. Embora não se sentisse triste junto a Mario, nas poucas vezes em que saíram com os Mañara estava mais alegre e então se divertia de verdade na Exposição Rural, queria caramelos e aceitava brinquedos, que na volta olhava firmemente, examinando-os até se cansar. O ar puro lhe fazia

bem, Mario notou nela uma tez mais clara e um caminhar decidido. Pena era esse retorno vespertino ao laboratório, o interminável ensimesmar-se com a balança ou as pinças. Agora os bombons absorviam Delia a ponto de abandonar os licores; poucas vezes agora dava a provar seus achados, e nunca aos Mañara. Mario desconfiava, sem qualquer razão, que os Mañara tivessem decidido não provar mais sabores novos; preferiam os comuns, e se Delia deixava uma caixa sobre a mesa, sem lhes oferecer mas como quem oferece, eles escolhiam os mais simples, os de antes, e até abriam os bombons para examinar o recheio. Mario se divertia com o mudo descontentamento de Delia junto ao piano, seu ar falsamente distraído. Guardava para ele as novidades, no último momento vinha da cozinha com a bandejinha de prata; uma vez ficou até tarde tocando piano e deixou que ele a acompanhasse até a cozinha para buscar uns bombons novos. Quando acendeu a luz, Mario viu o gato adormecido em seu canto, e as baratas que fugiam pelos ladrilhos. Lembrou-se da cozinha de sua casa, Mamãe Celeste sempre esparramando um pó amarelo nos rodapés. Naquela noite os bombons tinham gosto de moca e um saibo estranhamente salgado (no mais distante do sabor) como se no final do gosto se escondesse uma lágrima; era uma loucura pensar nisso, no que restara das lágrimas derramadas na noite de Rolo no saguão.

— O peixe colorido anda tão triste — disse Delia mostrando-lhe o aquário com pedrinhas e falsas vegetações. Um peixinho rosa translúcido dormitava com um compassado movimento da boca. Seu olho

frio olhava Mario como uma pérola viva. Mário pensou no olho salgado como uma lágrima que escorregaria entre os dentes ao mastigá-lo.

— Precisa mudar a água mais seguido — propôs.

— É inútil, está velho e doente. Amanhã vai morrer.

O aviso soou para ele como um retorno ao pior, à Delia atormentada do luto e dos primeiros tempos. Ainda tão perto daquilo, do degrau e do cais, como fotografias de Héctor aparecendo de repente entre pares de meias ou de anáguas de verão. E uma flor seca — do velório de Rolo — presa sobre uma estampa na porta do roupeiro.

Antes de sair pediu que se casasse com ele no outono. Delia não disse nada, pôs-se a olhar o chão como se procurasse uma formiga na sala. Nunca haviam falado disso, Delia parecia querer se acostumar à idéia e pensar antes de responder. Depois olhou-o com um olhar faiscante, levantando-se bruscamente. Fez um gesto como se fosse abrir uma portinha no ar, um gesto quase mágico.

— Então você é meu noivo — disse. — Que diferente você está. Como mudou.

Mamãe Celeste ouviu a notícia sem dizer nada, pôs de lado o ferro de passar e durante o dia todo não saiu de seu quarto, onde entravam, um a um, os irmãos e de onde saíam com caras compridas e vidrinhos de Hesperidina. Mario foi ao futebol e de noite levou rosas a Delia. Os Mañara o esperavam na sala, abraçaram-no e lhe contaram coisas; depois resolveram abrir uma garrafa de vinho do Porto e comer massas. Agora o tratamento era íntimo e, ao

mesmo tempo, mais distante. Perdiam a simplicidade de amigos para se olharem com os olhos do parente, do que sabe tudo desde a primeira infância. Mario beijou Delia, beijou mamãe Mañara, e ao abraçar apertado seu futuro sogro teria querido lhe dizer que confiassem nele, novo suporte do lar, mas não lhe vinham as palavras. Notava-se também que os Mañara tinham querido lhe dizer alguma coisa mas não se animavam. Sacudindo os jornais, voltaram a seu quarto, e Mario ficou com Delia e o piano, com Delia e os primeiros acordes do "amor índio".

Uma ou duas vezes, durante aquelas semanas de noivado, esteve a um passo de marcar um encontro com papai Mañara fora de casa para lhe falar das cartas anônimas. Depois pensou que isso era inutilmente cruel porque nada podia ser feito contra esses miseráveis que o perseguiam. O pior veio em um sábado, ao meio-dia, dentro de um envelope azul. Mario ficou olhando a fotografia de Héctor na *Última Hora* e os parágrafos sublinhados com tinta azul. "Só um grande desespero pôde arrastá-lo ao suicídio, segundo declarações dos familiares." Pensou vagamente no fato de que os familiares de Héctor não tinham aparecido mais na casa dos Mañara. Talvez tivessem ido alguma vez nos primeiros dias. Lembrava-se agora do peixe colorido, os Mañara lhe disseram que era presente da mãe de Héctor. Peixe colorido morto no dia anunciado por Delia. Só um grande desespero pôde arrastá-lo. Queimou o envelope, o recorte, fez uma relação de suspeitos e decidiu falar com Delia, salvá-la em si mesmo dos fios da baba, do ressumar intolerável desses rumores. Cinco dias depois (não falara com

Delia nem com os Mañara), veio a segunda. Na cartolina azul-celeste havia primeiro uma estrelinha (não se sabia por quê) e depois: "Eu fosse o senhor teria cuidado com o degrau da entrada." Do envelope saiu um vago perfume de sabonete de amêndoas. Mario pensou se a da casa assobradada usaria sabonete de amêndoas. Teve até a desonesta coragem de revistar a cômoda de Mamãe Celeste e de sua irmã. Queimou também esta carta anônima, e nada disse a Delia. Era dezembro, com o calor daqueles dezembros de vinte e tantos, agora ia ter com Delia depois de jantar e falavam passeando pelo jardinzinho dos fundos ou dando uma volta pela quadra. Com o calor comiam menos bombons, não que Delia renunciasse às suas experiências, mas trazia poucas amostras à sala, preferindo guardá-las em caixas antigas, protegidas em moldezinhos de papel, com uma fina capa verde-claro por cima. Mario achou-a inquieta, como que cautelosa. Às vezes olhava para trás nas esquinas, e na noite em que fez um gesto de repulsa ao chegar à caixa de correio de Medrano e Rivadavia, Mario compreendeu que a ela também estavam torturando há muito tempo; que compartilhavam, sem nada dizer, da mesma perseguição.

Encontrou-se com papai Mañara no Munich de Cangallo e Pueyrredón, encheu-o de cerveja e batatas fritas sem conseguir arrancá-lo de uma cautelosa modorra, como se desconfiasse do encontro. Mario disse rindo que não ia lhe pedir dinheiro emprestado e, sem rodeios, falou das cartas anônimas, do nervosismo de Delia, da caixa de correio de Medrano e Rivadavia.

LBN 169620

A.L. 1274703 / T. 1743136

— Eu sei que logo que nos casemos vão se acabar estas infâmias. Mas preciso que vocês me ajudem, que a protejam. Uma coisa assim pode fazer mal a qualquer um. É tão delicada, tão sensível.

— Você quer dizer que pode ficar louca, não é isso?

— Bem, não é exatamente isso. Mas se recebe cartas anônimas como eu, e as esconde, e isso vai se repetindo...

— Você não conhece Delia. Ela ignora as cartas anônimas... quero dizer que não lhe provocam nenhum abalo. É mais dura do que você pensa.

— Mas olhe que parece assustada, que alguma coisa está mexendo com ela — lembrou-se de dizer, indefeso, Mario.

— Não é por isso, não. — Bebia a cerveja como se quisesse esconder a voz. — Antes foi igual, eu a conheço bem.

— Antes de quê?

— Antes de que morressem, seu bobo. Pague que estou apressado.

Quis protestar mas papai Mañara já estava andando em direção à porta. Fez um gesto vago de despedida e caminhou para a Praça Once com a cabeça baixa. Mario não se animou a segui-lo, nem mesmo a pensar muito no que acabava de ouvir. Estava agora outra vez sozinho como no princípio, frente a Mamãe Celeste, à da casa assobradada e aos Mañara. Até os Mañara.

Delia desconfiava de alguma coisa porque o recebeu diferente, quase tagarela e manhosa. Talvez os Mañara tivessem falado do encontro no Munich, Mario esperou que tocasse no assunto para ajudá-la

a sair daquele silêncio, mas ela preferia *Rose Marie* e um pouco de Schumann, os tangos de Pacho com um compasso bem marcado e atrevido, até que os Mañara chegaram com bolachinhas e vinho de Málaga e acenderam todas as luzes. Falou-se de Pola Negri, de um crime em Liniers, do eclipse parcial e da doença do gato. Delia achava que o gato estava com problemas de pêlo e defendia um tratamento com óleo de castor. Os Mañara lhe davam razão sem opinar, mas não pareciam convencidos. Lembraram-se de um veterinário amigo, de umas folhas amargas. Optavam por deixá-lo sozinho no jardim, e ele mesmo escolher as ervas curativas. Delia, porém, disse que o gato morreria, talvez o óleo prolongasse sua vida um pouco mais. Ouviram um jornaleiro gritar na esquina, e os Mañara correram juntos para comprar *Última Hora*. A um mudo pedido de Delia, Mario foi apagar as luzes da sala. Ficou o abajur na mesa de canto, manchando de amarelo velho a toalha de bordados futuristas. À volta do piano havia uma luz velada.

Mario perguntou pelo vestido de Delia, se já estava trabalhando em seu enxoval, se março era melhor que maio para o casamento. Esperava um instante de coragem para mencionar as cartas anônimas, um resto de medo de cometer um erro impedia-o a cada tentativa. Delia estava junto a ele no sofá verde-escuro, seu vestido azul-celeste destacava-a suavemente na penumbra. Quando quis beijá-la, sentiu-a contrair-se pouco a pouco.

— Mamãe voltará para se despedir. Espere até que tenham ido dormir...

Na outra peça se ouvia os Mañara, o ruído do jor-

nal manuseado, seu diálogo contínuo. Não tinham sono nessa noite, eram onze e meia e continuavam conversando. Delia voltou ao piano, obstinadamente tocava longas valsas argentinas com *da capo al fine* uma vez ou outra, escalas e floreios de algum mau gosto, mas que encantavam Mario, e continuou no piano até que os Mañara vieram lhes dizer boa-noite, que não ficassem até tarde, agora que era da família precisava cuidar mais do que nunca da saúde de Delia, cuidar para que não se tresnoitasse. Quando saíram, como a contragosto mas rendidos pelo sono, o calor entrava em lufadas pela porta do saguão e a janela da sala. Mario quis um copo de água e foi à cozinha, embora Delia quisesse servi-lo e, por isso, ficasse um pouco zangada. Quando voltou viu Delia na janela, olhando a rua vazia por onde antes, em noites iguais, Rolo e Héctor se iam. Um pouco de lua já se deitava no assoalho perto de Delia, na bandejinha de prata que Delia tinha na mão como outra pequena lua. Não quisera pedir a Mario que provasse diante dos Mañara, ele tinha que compreender como a cansavam as censuras dos Mañara, achando sempre que era abusar da bondade de Mario lhe pedir que provasse os novos bombons. Claro que, se não tivesse vontade, mas ninguém lhe merecia mais confiança, os Mañara eram incapazes de apreciar um sabor diferente. Oferecia-lhe o bombom quase suplicando, mas Mario compreendeu o desejo que animava a voz dela, agora o alcançava com uma claridade que não vinha da lua, nem mesmo de Delia. Pôs o copo de água sobre o piano (não tinha bebido na cozinha) e pegou o bombom com dois dedos, Delia a seu lado esperando o vere-

dicto, a respiração ansiosa como se tudo dependesse disso, sem falar mas apressando-o com o gesto, os olhos crescidos — ou era a sombra da sala —, oscilando de leve o corpo ao ofegar, porque agora era quase um arquejo quando Mario aproximou o bombom da boca, ia mordê-lo, baixava a mão e Delia gemia como se no meio de um prazer infinito se sentisse de repente frustrada. Com a mão livre apertou levemente os lados do bombom, mas não o olhava, tinha os olhos em Delia e a cara de gesso, um pierrô repugnante na penumbra. Os dedos se separavam, dividindo o bombom. A lua caiu em cheio na massa esbranquiçada da barata, o corpo despido de seu revestimento coriáceo e, em volta, misturados com a menta e o maçapão, os pedacinhos de patas e asas, o pozinho da carapaça triturada.

Quando atirou os pedaços no rosto dela, Delia tapou os olhos e começou a soluçar, arquejando em um soluço que a afogava, cada vez mais agudo esse choro, como na noite de Rolo, então os dedos de Mario se fecharam na garganta de Delia como que para protegê-la desse horror que lhe subia do peito, um borborigmo de choro e gemido, com risos interrompidos em contorções, mas ele queria apenas que ela se calasse, e apertava apenas para que se calasse, a da casa assobradada talvez já a estaria ouvindo com um misto de medo e prazer, por isso devia fazê-la calar a todo custo. Às suas costas, da cozinha onde encontrara o gato com as garras cravadas nos próprios olhos e ainda se arrastando para morrer dentro de casa, ouvia a respiração dos Mañara já levantados, escondendo-se na sala de jantar para espiá-los, estava certo de que os Mañara tinham ou-

vido e estavam ali, junto à porta, no escuro da sala de jantar, ouvindo como ele fazia Delia se calar. Afrouxou o apertão e a deixou escorregar até o sofá, convulsionada e roxa mas viva. Ouvia o respirar dos Mañara, e sentiu pena deles por tantas coisas, inclusive por causa de Delia, por deixá-la outra vez e viva. Como Héctor e Rolo ia embora e os abandonava. Teve muita pena dos Mañara, que tinham estado ali escondidos esperando que ele — afinal alguém — fizesse calar Delia que chorava, fizesse parar, afinal, o choro de Delia.

AS PORTAS DO CÉU

Às oito, José María veio com a notícia, quase sem rodeios me disse que Celina acabava de morrer. Lembro-me de que reparei instantaneamente na frase, Celina acabando de morrer, um pouco como se ela mesma houvesse decidido o momento em que isso devia acontecer. Era quase de noite e os lábios de José María tremiam quando me disse:

— Mauro recebeu a notícia muito mal, deixei-o feito louco. É melhor a gente ir.

Eu precisava terminar umas notas, além do que havia prometido a uma amiga levá-la a jantar. Dei uns telefonemas e saí com José María atrás de um táxi. Mauro e Celina viviam entre Canning e Santa Fe, de maneira que calculamos dez minutos de casa até lá. Logo que nos aproximamos, vimos gente de pé no saguão com um ar de culpa e vergonha; a caminho soube que Celina começara a vomitar às seis, que Mauro trouxera o médico e sua mãe estava com eles. Parece que o médico começava a escrever uma longa receita quando Celina abriu os olhos e acabou

de morrer com uma espécie de tosse, mais parecendo um assobio.

— Eu agarrei o Mauro, o doutor teve que sair porque o Mauro queria bater nele. Você sabe como ele é quando fica bravo.

Eu pensava em Celina, na última cara de Celina que nos esperava em casa. Quase não escutei os gritos das velhas e a agitação no pátio, mas, em compensação, lembro-me que o táxi custava dois pesos e sessenta e o motorista tinha um boné lustroso. Vi dois ou três amigos da turma do Mauro, lendo *La Razón* na porta; uma menina de vestido azul tinha um gato cinzento nos braços e alisava cuidadosa os bigodes dele. Mais para dentro começavam as lamentações e o cheiro a ambiente fechado.

— Ande, vá logo ver o Mauro — disse a José María. — Você sabe que é bom distraí-lo um pouco.

Na cozinha já tomava mate. O velório se organizava sozinho, por si mesmo: as caras, as bebidas, o calor. Agora que Celina acabava de morrer, incrível como o pessoal de um bairro abandona tudo (até os programas de perguntas e respostas) para reunir-se no local do fato. Uma lâmpada piscou muito quando passei ao lado da cozinha e entrei na peça mortuária. Dona Martita e outra mulher me olharam do fundo escuro, onde a cama parecia estar flutuando em uma geléia de marmelo. Percebi, por seu ar superior, que acabavam de lavar e amortalhar Celina; até cheirava levemente a vinagre.

— Pobrezinha da finadinha — disse Dona Martita. — Passe, doutor, venha vê-la. Parece que está dormindo.

Contendo a vontade de puteá-la, entrei na atmos-

fera quente daquela peça. Fazia pouco que estava olhando para Celina sem vê-la, e agora me deixei ir até ela, e ao seu cabelo negro e sem vida nascendo de uma testa estreita que brilhava como nácar de guitarra, ao prato raso branquíssimo de seu rosto irremediável. Percebi que não tinha nada que fazer ali, aquela peça era agora das mulheres, das carpideiras chegando com a noite. Nem mesmo Mauro poderia vir em paz sentar-se ao lado de Celina, porque nem mesmo Celina estava ali esperando, aquela coisa branca e negra se derramava ao lado das choronas, favorecia-as com seu tema imóvel repetindo-se. Melhor Mauro, ir buscar Mauro, que continuava do nosso lado.

Dessa peça à sala de jantar havia surdas sentinelas fumando no corredor sem luz. Peña, o louco Bazán, os dois irmãos menores de Mauro e um velho indefinível me cumprimentaram com respeito.

— Obrigado por vir, doutor — disse-me um deles. — O senhor, sempre tão amigo do pobre Mauro.

— Os amigos se vêem nestes transes — disse o velho, dando a mão, que me pareceu uma sardinha viva.

Tudo isto acontecia, mas eu estava outra vez com Celina e Mauro no Luna Park, dançando no carnaval de quarenta e dois; Celina de azul-celeste, que combinava tão mal com seu tipo de china*, Mauro de *palm-beach* e eu com seis uísques e um porre filho-da-puta. Gostava de sair com Mauro e Celina

* China, na linguagem gauchesca, tem conotação afetiva. Em termos gerais, reserva-se à mulher de traços indígenas e pode ter conotação pejorativa. (N. do T.)

para assistir de perto a sua dura e quente felicidade. Quanto mais censuravam estas amizades, mais me aproximava deles (aos meus dias, às minhas horas) para presenciar sua existência, da qual eles mesmos não sabiam nada.

Fugi do baile, um gemido vinha daquela peça subindo pelas portas.

— Aquela deve ser a mãe — disse o louco Bazán, quase satisfeito.

"Silogística perfeita do humilde", pensei, "Celina morta, chega mãe, berro mãe." Dava nojo pensar assim, mais uma vez estar pensando em tudo o que aos outros bastava sentir. Mauro e Celina não tinham sido minhas cobaias, não. Gostava deles, tanto quanto continuo gostando. Só que nunca pude penetrar em sua simplicidade, só que me via forçado a me alimentar por reflexo de seu sangue; eu sou o Dr. Hardoy, um advogado que não se conforma com a Buenos Aires forense ou musical ou hípica, e arrisca tudo o que pode por outros caminhos. Já sei que atrás disso está a curiosidade, as notas que enchem pouco a pouco o meu fichário. Mas Celina e Mauro não, Celina e Mauro não.

— Quem diria — ouvi de Peña — Assim tão de repente...

— Bem, você sabe que andava muito ruim do pulmão.

— Sim, mas mesmo assim...

Defendiam-se da terra aberta. Muito ruim do pulmão, mas ainda que fosse assim. Também Celina não devia sequer imaginar a morte, para ela e Mauro a tuberculose era "fraqueza". Outra vez eu a vi dançando toda vibrante nos braços de Mauro, a orquestra de Canaro ali em cima e um cheiro a pó barato. Depois dançou comigo uma *machicha**, a pista era um horror de gente e fumaça. "Como você dança bem, Marcelo", como que surpresa de que um advogado fosse capaz de se sair tão bem em uma *machicha*. Tanto ela como Mauro jamais tinham me tratado com intimidade, e eu me dirigia a Mauro quase sem nenhuma intimidade, e a Celina dispensava a mesma cerimônia que ela a mim. E ela custou a abandonar o "doutor", porque talvez se orgulhasse de me dar o título diante dos outros: "meu amigo o doutor". Eu pedi a Mauro que a aconselhasse nesse sentido, então começou o "Marcelo". Foi assim que eles se aproximaram um pouco de mim, mas eu continuava tão distante quanto antes. Nem mesmo indo aos bailes populares, ao boxe, ao futebol (Mauro jogou no Racing anos atrás) ou tomando mate na cozinha. Quando terminou a ação e fiz Mauro ganhar cinco mil pesos, Celina foi a primeira a pedir que não me afastasse, que continuasse a vê-los. Já não andava bem, sua voz, sempre um pouco rouca, era cada vez mais débil. Tossia à noite, Mauro comprava para ela Neurofosfato Escay, o que era uma burrice, e também Ferro Quina Bisleri, coisas que a gente lê nas revistas e nas quais passa a confiar.

Íamos juntos aos bailes, e eu os observava viver.

— É bom que fale com o Mauro — disse José

* *Machicha*, dança alegre e popularíssima nos cabarés argentinos dos anos 40. (N. do T.)

María, que brotava de repente a meu lado. — Vai fazer bem a ele.

Fui, mas estive todo o tempo pensando em Celina. Era feio reconhecê-lo, na verdade o que fazia era reunir e ordenar minhas fichas sobre Celina, não escritas nunca mas bem à mão. Mauro chorava de cara limpa como todo animal saudável e deste mundo, sem a menor vergonha. Pegava minhas mãos e as molhava com seu suor febril. Quando José María o forçava a beber uma genebra, engolia-a entre dois soluços com um ruído estranho. E as frases, aquele balbuciar de asneiras com toda sua vida dentro, a negra consciência da coisa irreparável que tinha acontecido a Celina, que ele só acusava e sentia. O grande narcisismo por fim desculpado e em liberdade para dar outro espetáculo. Tive nojo de Mauro, mas muito mais de mim mesmo, e fui tomar um conhaque barato, que me queimava a boca sem nenhum prazer. O velório funcionava então a plena força, de Mauro para baixo todos estão perfeitos, até a noite ajudava, quente e igual, linda para se estar no pátio e falar da finadinha, para deixar vir a madrugada e revelar a intimidade de Celina.

Isto foi em uma segunda-feira. Depois precisei ir a Rosario por um congresso de advogados onde não se fez outra coisa senão promover aplausos gerais e beber como loucos; voltei no fim de semana. No trem viajavam duas bailarinas do Moulin Rouge e eu reconheci a mais jovem, que se fez de desentendida. Toda esta manhã estivera pensando em Celina, não que me importasse tanto a morte de Celina mas muito mais a quebra de uma ordem, de um hábito

necessário. Quando vi as mulheres pensei na carreira de Celina e no gesto de Mauro ao tirá-la do cabaré do grego Kasidis e levá-la com ele. Era preciso ter coragem para esperar alguma coisa daquela mulher, e foi naquela época que o conheci, quando veio me consultar sobre a ação de sua mãe por uns terrenos em Sanagasta. Celina o acompanhou na segunda vez, ainda com maquilagem quase profissional, caminhando a passos largos mas agarrada ao braço dele. Não me custou julgá-los, saborear a simplicidade agressiva de Mauro e seu esforço inconfessado por se identificar inteiramente com Celina. Quando comecei a me ocupar do caso dele, achei que o conseguira, pelo menos por fora e na conduta diária. Depois avaliei melhor. Celina era um pouco diferente dele por causa dos caprichos, seu gosto por bailes populares, seus longos devaneios ao lado do rádio, com a costura ou o tricô nas mãos. Quando a ouvi cantar, uma noite de Nebiolo e Racing quatro a um, soube que ainda estava com Kasidis, longe de uma casa estável e de Mauro zelador do Mercado. Para conhecê-la melhor estimulei seus desejos baratos, fomos os três a muito lugar de alto-falantes alucinados, de *pizza* fervendo e guardanapinhos engordurados pelo chão. Mas Mauro preferia o pátio, as horas de conversa com os vizinhos e o mate. Aceitava aos poucos, se submetia sem ceder. Então Celina fingia se conformar, talvez até já estivesse se conformando em sair menos e ser mais caseira. Era eu que conseguia levar Mauro aos bailes, e sei que me agradeceu por isso desde o princípio. Eles se amavam, e a alegria de Celina bastava aos dois, às vezes aos três.

Pensei que um banho me faria bem, depois telefonaria a Nilda para lhe dizer que a iria buscar no domingo, a caminho do hipódromo, e veria Mauro em seguida. Estava no pátio, fumando entre longos sorvos de mate. Os dois ou três furinhos em sua camisa me enterneceram e eu lhe dei um tapinha no ombro ao cumprimentá-lo. Estava com a mesma cara da última vez, ao lado da sepultura, quando jogou um punhado de terra e se atirou para trás como se estivesse ofuscado. Encontrei nele, porém, um brilho claro nos olhos, a mão dura ao apertar.

— Obrigado por ter vindo me ver. O tempo custa a passar, Marcelo.

— Você ainda precisa ir ao Mercado, ou alguém o substitui?

— Pus meu irmão lá, o capenguinha. Não tenho ânimo para trabalhar, e assim o dia parece eterno.

— Claro, você precisa se distrair. Vista-se. Vamos dar uma volta por Palermo.

— Vamos, não faz muita diferença.

Vestiu um terno azul com cachecol estampado, e o vi usar o perfume de um vidro que tinha sido de Celina. Gostava do seu modo de ajeitar o chapéu, com a aba levantada, e de seu passo leve e silencioso, bem malandro. Resignei-me a escutar — "os amigos são para estas horas" — e na segunda garrafa de Quilmes Cristal derrubou sobre mim tudo o que tinha. Estávamos em uma mesa do fundo do café, quase sozinhos; eu o deixava falar, mas de quando em quando servia-lhe cerveja. Quase não

me lembro de tudo o que disse, acho que na verdade era sempre a mesma coisa. Ficou uma frase: "Ela está aqui", e o gesto de cravar o indicador no meio do peito como se mostrasse uma dor ou uma medalha.

— Quero esquecer — dizia também. — Qualquer coisa, me embriagar, ir a um cabaré, foder qualquer fêmea. Você entende, Marcelo, você... — O indicador subia, enigmático, dobrava-se de súbito como um canivete. Àquela altura já estava disposto a aceitar qualquer coisa, e quando eu mencionei o Santa Fe Palace, de passagem, ele deu por consumado que íamos ao baile, e foi o primeiro a se levantar e olhar a hora. Caminhamos sem falar, mortos de calor, e todo o tempo eu adivinhava uma lembrança de Mauro, sua repetida surpresa por não sentir em seu braço a alegria quente de Celina a caminho do baile.

— Nunca a levei a esse Palace — disse-me de repente. — Estive lá antes de conhecer a Celina, era um cabaré muito vagabundo. Você o frequënta?

Em minhas fichas tenho uma boa descrição do Santa Fe Palace, que não se chama Santa Fe nem está naquela rua, mas ao lado. Pena que nada disso possa ser realmente descrito, nem a fachada modesta com seus cartazes prometedores e a escura bilheteria, menos ainda aqueles tipos que parecem só ter olhos, que fazem hora na entrada e devoram a gente de alto a baixo. O resto é pior, não porque seja um mau lugar, mas porque nada aí é nenhuma coisa com precisão; exatamente o caos, a confusão convertendo-se em uma falsa ordem: o inferno e seus círculos. Um inferno de parque japonês a dois pesos

e cinqüenta a entrada e damas a zero cinqüenta. Compartimentos mal separados, espécie de pátios cobertos, contínuos, onde havia, no primeiro, uma orquestra de tango clássico, no segundo uma característica, e no terceiro uma de folclore com cantadores e sapateado. Colocados em uma passagem intermediária (eu Virgilio) ouvíamos as três músicas e víamos os três círculos dançando; então se escolhia o preferido ou se ia de baile em baile, de genebra em genebra, buscando mesinhas e mulheres.

— Não é dos piores — disse Mauro com seu ar tristonho. — Pena o calor. Deviam pôr exaustores.

(Para uma ficha: estudar, segundo Ortega, os contatos do homem do povo com a técnica. Aí onde se pensaria em um choque há, ao contrário, assimilação violenta e rendimento; Mauro falava de refrigeração ou de super-heteródinos com a suficiência portenha que acha que tudo lhe é devido.) Eu o agarrei pelo braço e o pus a caminho de uma mesa porque continuava distraído e olhava o palco da orquestra de tangos, o cantor que segurava o microfone com as duas mãos e o bamboleava devagarinho. Acomodamo-nos satisfeitos diante de dois chopes e Mauro bebeu o seu de um só gole.

— É para limpar a serpentina. Porra, como tem gente!

Chamou pedindo outro, e me deu tempo para divagar e olhar. A mesa estava pegada à pista, do outro lado havia cadeiras encostadas a uma longa parede, e um montão de mulheres por ali se renovava com aquele ar ausente das milongueiras quando trabalham ou se divertem. Não se falava muito, ouvíamos muito bem a orquestra, cheia de foles e to-

cando com muita vontade. O cantor insistia na saudade, milagrosa sua maneira de dramatizar um compasso bem mais rápido e uniforme. *Las trenzas de mi china las traigo en la maleta...* Agarrava-se ao microfone como aos barrotes de um vomitório, com uma espécie de luxúria cansada, de necessidade orgânica. Algumas vezes metia os lábios na gradezinha cromada, e dos alto-falantes saía uma voz pegajosa — *"yo soy un hombre honrado..."*; — pensei que seria bom negócio uma boneca de borracha e o microfone escondido dentro, assim o cantor poderia tê-la nos braços e excitar-se à vontade quando cantasse para ela. Mas não serviria para os tangos, era melhor mesmo o bastão cromado com a pequena caveira brilhante no alto, o sorriso tetânico da gradezinha.

Acho bom dizer aqui que eu ia a esse cabaré por causa dos monstros, e que não sei de outro onde se possa encontrar tantos juntos. Aparecem às onze da noite, descem de vagas regiões da cidade, lentos e confiantes, sozinhos ou acompanhados, as mulheres quase anãs e meio chinas, os sujeitos parecendo javaneses ou *mocovíes,* apertados em roupas quadriculadas ou pretas, o cabelo duro penteado a muito custo, brilhantina em gotinhas contra os reflexos azuis e rosa, as mulheres com enormes penteados altos que as fazem mais anãs, penteados duros e difíceis, dos quais não lhes sobra senão cansaço e orgulho. E eles agora costumam deixar o cabelo solto e alto, repartido ao meio, topetes enormes e afeminados, nada a ver com a cara brutal que vem logo abaixo, o gesto de agressão disponível e esperando sua hora, os troncos vigorosos sobre cinturas

finas. Eles se reconhecem e admiram em silêncio, sem dar a entender, é seu baile e seu encontro, sua noite de gala. (Para uma ficha: de onde saem, em que profissões eles se dissimulam de dia, em que sombrias regiões eles se isolam e disfarçam.) E aí os monstros se enlaçam com grave acatamento, música após música dançam vagarosos sem falar, muitos com os olhos fechados, gozando afinal a igualdade, a complementação. Recuperam-se nos intervalos, nas mesas são arrogantes e as mulheres falam guinchando porque querem ser notadas e então os machos ficam mais turvos e eu vi voar um sopapo que virou a cara e a metade do penteado de uma china vesga vestida de branco que bebia anis. Além disso há o cheiro, não se concebe um monstro sem esse cheiro a talco molhado na pele, a fruta passada, a gente de banhos incompletos, o pano úmido pelo rosto e os sovacos, depois o importante, loções, rímel, o pó no rosto de todas elas, uma crosta esbranquiçada sobre as pequeninas manchas pardas transparecendo. Também se oxigenam, as negras levantam maçarocas rígidas sobre a terra espessa do rosto, estudam até gestos de loira, vestidos verdes, se convencem de sua transformação e desprezam condescendentes as outras que defendem sua cor. Olhando de esguelha para Mauro eu estudava a diferença entre seu rosto de traços italianos, o rosto do portenho de subúrbio sem mistura negra nem provinciana, e me lembrei de repente de Celina mais próxima dos monstros, muito mais perto que Mauro e eu. Acho que Kasidis a escolhera para agradar a parte achinada de sua clientela, os poucos que então se animavam a ir a seu cabaré. Nunca estivera no cabaré

de Kasidis nos tempos de Celina, mais tarde fui lá uma noite (para conhecer o lugar onde ela trabalhara antes que Mauro a tirasse da vida) e não vi senão brancas, loiras ou morenas, mas brancas.

— Estou com vontade de dançar um tango — disse Mauro queixoso. Já estava um pouco tocado ao entrar na quarta dose. Eu pensava em Celina, tão em sua casa aqui, justamente aqui onde Mauro não a trouxera nunca. Anita Lozano recebia agora os calorosos aplausos do público, ao agradecer do palco, eu a ouvi cantar no Novelty, quando cobrava muito, agora estava velha e magra mas conservava toda a voz para os tangos. Melhor ainda, porque seu estilo era velhaco, exigia uma voz um pouco rouca e suja para essas letras cheias de injúrias. Celina tinha essa voz quando bebia, e logo notei como o Santa Fe era Celina, a presença quase insuportável de Celina.

Ter acompanhado Mauro fora um erro. Suportou-o porque o amava, e ele a tirava da imundície do Kasidis, da promiscuidade e dos copinhos de água açucarada entre as primeiras joelhadas e a respiração desagradável dos clientes no rosto, mas se não tivesse precisado trabalhar nos cabarés Celina teria gostado de neles permanecer. Via-se isso nos seus quadris e na boca, era feita para o tango, nascida inteirinha para a farra. Por isso era necessário que Mauro a levasse aos bailes, e eu a tinha visto se transfigurar ao entrar, com as primeiras lufadas de ar quente e dos foles. A esta hora, metido de corpo e alma no Santa Fe, medi a grandeza de Celina, sua coragem de pagar a Mauro com uns anos de cozinha e mate doce no pátio. Renunciara a seu céu de cabarés, à sua ardente vocação pelo anis e as valsas

crioulas. Como se condenando de propósito, por Mauro e pela vida de Mauro, violentando seu mundo apenas para que ele a levasse às vezes a uma festa.

Mauro já andava agarrado a uma negrinha mais alta que as outras, de corpo fino como poucas e nada feia. Sua instintiva mas ao mesmo tempo estudada escolha me fez rir, aquela criadinha era a que menos se parecia com os monstros; então me voltou a idéia de que Celina fora, de certo modo, um monstro como aqueles, só que do lado de fora e de dia não se notava como aqui. Perguntei a mim mesmo se Mauro reparara nisso, temi um pouco sua censura por trazê-lo a um lugar onde a recordação crescia de cada coisa como cabelos em um braço.

Desta vez não houve aplausos, e ele se aproximou com a mulher que parecia subitamente estonteada e como quem está suspirando fora do tom.

— Apresento-lhe um amigo.

Nós nos dissemos os *"encantados"* portenhos e logo lhe demos de beber. Alegrava-me ver Mauro entrando na noite e até troquei umas frases com a mulher, que se chamava Ema, um nome que não fica bem nas magras. Mauro parecia bastante embalado e falava de orquestras com a frase breve e sentenciosa que admiro nele. Ema se alongava em nomes de cantores, em lembranças de Villa Crespo e El Talar. A essa altura Anita Lozano anunciou um velho tango e houve gritos e aplausos entre os monstros, os índios, sobretudo, que a favoreciam sem restrições. Mauro não estava tão curtido a ponto de esquecer tudo, e quando a orquestra abriu caminho com um serpenteio de bandônions, ele me olhou de

repente, tenso e rígido, como que se lembrando. Eu me vi também em Racing, Mauro e Celina agarrados nesse tango que ela cantarolou depois a noite toda e no táxi de volta.

— Dançamos este? — disse Ema, bebendo seu suco de romã com ruído.

Mauro nem a olhava. Acho que foi nesse momento que eu e ele nos encontramos no mais íntimo. Agora (agora que escrevo) não vejo outra imagem que uma dos meus vinte anos, no Sportivo Barracas, mergulhar na piscina e encontrar outro nadador no fundo, tocar no fundo ao mesmo tempo e entrever-nos na água verde e clorada. Mauro jogou para trás a cadeira e se apoiou com um cotovelo na mesa. Assim como eu, olhava a pista, e Ema ficou perdida e humilhada entre os dois, mas difarçava comendo batatas fritas. Agora Anita começava a cantar suavemente, os pares dançavam quase sem sair do lugar e se via que escutavam a letra com desejo e infortúnio e todo o negado prazer da boemia. As caras buscavam o palco e, mesmo girando, podia-se ver que acompanhavam Anita inclinada e confidente no microfone. Alguns mexiam a boca repetindo as palavras, outros sorriam estupidamente como detrás de si mesmos, e quando ela acabou seu *tanto, tanto como fuiste mío, y hoy te busco y no te encuentro*, à entrada em *tutti* dos foles respondeu a renovada violência do baile, as corridas laterais e os oito entressachados no meio da pista. Muitos suavam, e uma china, que mal chegava à altura do segundo botão do meu casaco, passou junto a nossa mesa e eu vi água jorrando da raiz do seu cabelo, para correr pela nuca onde a gordura formava uma espécie de cana-

leta mais branca. Havia fumaça vinda do salão contíguo, onde comiam *parrilladas* e dançavam rancheiras, o churrasco e os cigarros traziam uma nuvem baixa que deformava as caras e as pinturas baratas da parede da frente. Acho que, por dentro, eu ajudava com os meus quatro chopes, e Mauro apoiava o queixo no dorso da mão, olhando firme para adiante. Não nos chamou a atenção que o tango continuasse sem parar lá em cima, uma ou duas vezes vi Mauro dar uma olhadela no palco onde Anita fazia como quem maneja uma batuta, depois, porém, voltou a cravar os olhos nos dançarinos. Não sei como dizê-lo, acho que acompanhava seu olhar e, ao mesmo tempo, mostrava-lhe o caminho; sem nos ver, sabíamos (eu acho que Mauro sabia) a coincidência daquele olhar, caíamos sobre os mesmos pares, os mesmos cabelos e calças. Eu ouvi que Ema dizia alguma coisa, uma desculpa, e o espaço de mesa entre Mauro e eu ficou mais livre, embora não nos olhássemos. Sobre a pista pareçia haver descido um momento de imensa felicidade, respirei fundo como que me associando a ele e creio ter ouvido que Mauro fez o mesmo. A fumaça era tão espessa que as caras se apagavam depois do centro da pista, de modo que a zona das cadeiras para as que não dançavam não se podia ver entre os corpos interpostos e aquela neblina. *Tanto como fuiste mío*, curiosa a crepitação que o alto-falante dava à voz de Anita, outra vez os dançarinos se imobilizavam (sempre se mexendo), e Celina, que estava à direita, saindo da fumaça e dançando obediente à pressão de seu companheiro, ficou um momento de perfil para mim, depois de costas, o outro perfil, e

levantou o rosto para ouvir a música. Eu digo: Celina; só que então foi bem mais saber sem compreender, Celina ali sem estar, claro, como compreender isso naquele momento. A mesa tremeu de repente, eu sabia que era o braço de Mauro que tremia, ou o meu, mas não tínhamos medo, isso estava mais perto do espanto e da alegria e do estômago. Na verdade era estúpido, um sentimento de coisa à parte que não nos deixava sair, recuperar-nos. Celina continua sempre aí, sem nos ver, bebendo o tango com todo o rosto que uma luz amarela de fumaça desfazia e alterava. Qualquer das negras poderia ter se parecido mais com Celina que ela mesma nesse momento, a felicidade a transformava de um modo atroz, eu não teria podido tolerar Celina como a via nesse momento e nesse tango. Sobrou-me inteligência para avaliar a devastação provocada por sua felicidade, seu rosto extasiado e incrédulo no paraíso por fim conquistado; assim podia ter sido ela no Kasidis se não houvesse o trabalho nem os clientes. Nada a prendia agora no seu céu só dela, entregava-se inteira à sua sina e entrava outra vez na ordem onde Mauro não podia segui-la. Era o seu duro céu conquistado, seu tango repetido para ela só e seus iguais, até os aplausos desesperantes que encerraram o refrão de Anita, Celina de costas, Celina de perfil, outros pares juntos a ela e a fumaça.

Não quis olhar Mauro, agora me refazia e meu notório cinismo estudava o tipo de comportamento a tomar. Tudo dependia de como ele entrara naquela coisa, de maneira que fiquei como estava, estudando a pista que se esvaziava pouco a pouco.

— Você viu? — disse Mauro.
— Sim.
— Você viu como se parecia?

Não respondi, o alívio pesava mais que a pena. Estava deste lado, o coitado estava deste lado e já não conseguia acreditar no que tínhamos sabido juntos. Eu o vi se levantar e caminhar pela pista com passo de bêbado, buscando a mulher que se parecia com Celina. Fiquei quieto, fumando um cigarro sem pressa, olhando-o ir e vir, sabendo que perdia seu tempo, que voltaria cansado e sedento, sem haver encontrado as portas do céu entre essa fumaça e essa gente.

BESTIÁRIO

Entre a última colherada de arroz-doce — pouca canela, uma pena — e os beijos antes de subir para dormir, tocou o telefone e Isabel ficou remanchando até que Inés veio atender e disse, depois, alguma coisa ao ouvido da mãe da menina. Olharam-se e, em seguida, as duas olharam para Isabel que pensou na gaiola quebrada e nas contas de dividir e um pouco na raiva de Dona Lucera, que chamou sua atenção à saída do colégio. Não estava muito preocupada, a mãe e Inés olhavam como que para além dela, quase tomando-a por pretexto; mas a olhavam.

— Não me agrada que vá, acredite — disse Inés. — Não tanto pelo tigre, afinal cuidam bem deste aspecto. Mas a casa tão triste, e só aquele menino para brincar com ela...

— Eu também não gosto disso — disse a mãe, e Isabel soube instantaneamente que a mandariam passar o verão nos Funes. Atirou-se na notícia, na enorme onda verde, aos Funes, aos Funes, claro que a mandariam. Não gostavam da idéia, mas con-

vinha. Brônquios delicados, Mar del Plata caríssima, difícil lidar com uma menina mimada, bobinha, conduta apenas regular com a Srta. Tania, que é tão boa, sono inquieto e brinquedos espalhados por todos os lados, perguntas, botões, joelhos sujos. Sentiu medo, prazer, cheiro de salgueiros e o *u* de Funes misturando-se ao arroz-doce, tão tarde e quase dormindo, e já na cama.

Deitada, sem luz, cheia de beijos e olhares tristes de Inés e sua mãe, não muito conformadas mas já completamente decididas a mandá-la. Antevia a chegada em *break**, o primeiro café da manhã, a alegria de Nino caçador de baratas, Nino sapo, Nino peixe (uma lembrança de três anos atrás, Nino lhe mostrando umas figurinhas grudadas com cola em um álbum, e falando sério: "Este é um sapo, e este um pei-xe"). Agora Nino no parque, esperando-a com a rede de caçar borboletas, e também as mãos suaves de Rema — ela as viu nascendo do escuro, estava com os olhos abertos e em vez da cara de Nino, zás, as mãos de Rema, a mais jovem dos Funes. "Tia Rema gosta muito de mim", e os olhos de Nino faziam-se grandes e molhados, outra vez viu Nino se desgarrar flutuando no ar confuso do quarto, olhando-a contente. Nino peixe. Dormiu querendo que a semana passasse nesta mesma noite, e as despedidas, a viagem de trem, a légua em *break*, o portão, os eucaliptos do caminho da entrada. Antes de dormir teve um momento de horror quando imaginou que podia estar sonhando. Esti-

**Break*, carruagem de quatro rodas, utilizada para passeios ou excursões no campo argentino. (N. do T.)

cando de repente as pernas, bateu com os pés nas barras de bronze, que doeram através das colchas, e na grande sala de jantar ouvia a mãe falar com Inés, a bagagem, ver o médico por causa das erupções, óleo de fígado de bacalhau e *Hamamelis virginica*. Não era um sonho, não era um sonho.

Não era um sonho. Levaram-na a Constitución em uma manhã ventosa, de bandeirinhas nos postos de ambulantes da praça, uma torta no Trem Misto e entrada triunfal na plataforma número catorze. Inés e sua mãe a beijaram tanto que seu rosto ficou como que cansado, mole e cheirando a ruge e a pó Rachel de Coty, úmido ao redor da boca, um nojo que o vento levou de uma soprada. Não tinha medo de viajar sozinha porque era uma menina grande, com nada menos que vinte pesos na bolsa, Companhia Sansisena de Carnes Congeladas metendo-se pela janelinha com um cheiro enjoativo, o Riachuelo amarelento e Isabel refeita já do choro forçado, contente, morta de medo, ativa no domínio pleno do seu lugar, sua janelinha, passageira quase única nesse pedaço de vagão onde podia experimentar todos os lugares e se ver em todos os espelhinhos. Pensou uma ou duas vezes na mãe, em Inés — já deviam estar no 97, saindo de Constitución —, leu proibido fumar, proibido cuspir, capacidade 42 passageiros sentados, passavam por Banfield a toda velocidade, vuuuum!, campo mais campo mais campo misturado com o gosto do *milk shake* e as pastilhas de hortelã. Inés aconselhara-a a tricotar a camisola de lã verde, por isso Isabel a levava no mais escondido de sua maletinha. Pobre Inés, tem cada idéia tão boba.

Na estação sentiu um pouco de medo, porque se o

break... Mas estava ali, com Dom Nicanor bem-vestido e respeitoso, menina pra cá menina pra lá, se a viagem tinha sido boa, se Dona Elisa continuava bonita como sempre, claro que tinha chovido. — Oh!, o andar do *break*, um vaivém para lhe trazer todo o aquário de sua vinda anterior a Los Horneros. Tudo menor, mais cristal e cor-de-rosa, sem o tigre então, com Dom Nicanor menos grisalho, apenas três anos atrás, Nino um sapo, Nino um peixe, e as mãos de Rema que davam vontade de chorar e senti-las eternamente na cabeça, em uma carícia quase de morte e de baunilha com creme, as duas melhores coisas da vida.

Deram-lhe um quarto de cima, inteiro para ela, lindíssimo. Um quarto para gente grande (idéia de Nino, todo cachos e olhos negros, bonito em seu macacão azul; claro que de tarde Luis fazia com que o vestissem melhor, de cinza-azulado e gravata vermelha) e dentro dele outro quarto pequeninho com um cardeal enorme e selvagem. O banheiro ficava a duas portas (mas internas, de modo que se podia ir até ele sem antes averiguar onde estava o tigre), cheio de torneiras e metais, embora não fosse nada fácil enganar Isabel porque já no banheiro se percebia bem o campo, as coisas não eram tão perfeitas como em um banheiro de cidade. Cheirava a velho, e na segunda manhã encontrou uma espécie de larva passeando pela pia. Mal a tocou, virou uma bolinha temerosa, rolou e se foi pelo buraco borbulhante.

Querida mamãe, pego a caneta para — Comiam

na sala de cristais, onde se estava mais à fresca. Nenê se queixava a cada momento do calor, Luis não dizia nada mas pouco a pouco se notava que suava na testa e na barba. Só Rema estava tranqüila, passava os pratos lentamente e sempre como se a refeição fosse de aniversário, um pouco solene e emocionante. (Isabel aprendia em segredo sua maneira de trinchar, de dirigir as empregadinhas.) Luis quase sempre lia, os punhos nas fontes e o livro apoiado em um sifão. Rema tocava no braço dele antes de lhe passar um prato, e às vezes Nenê o interrompia e o chamava de filósofo. Isabel não gostava que Luis fosse filósofo, não por isso mas por Nenê; porque então Nenê tinha pretexto para zombar dele e se vangloriar.

Comiam assim: Luis na cabeceira, Rema e Nino de um lado, Nenê e Isabel do outro, de modo que havia um adulto na ponta e dos lados um pequeno e um adulto. Quando Nino queria lhe dizer alguma coisa importante, dava um chute na canela dela. Uma vez Isabel gritou e Nenê ficou furioso e a chamou de malcriada. Rema ficou olhando para ela, até que Isabel se consolou com aquele olhar e a sopa juliana.

Mamãezinha, antes de ir comer é como em todos os outros momentos, precisamos reparar se — Quase sempre era Rema quem ia ver se já podíamos passar à sala de cristais. No segundo dia veio ao *living* e lhes disse que esperassem. Passou um bom tempo até que o peão veio avisar que o tigre estava no jardim dos trevos, então Rema pegou as crianças pela mão e foram todos comer. Esta manhã as bata-

tas ficaram muito secas, embora só Nenê e Nino tivessem protestado.

A senhora me disse que não devo andar fazendo — Porque Rema parecia impedir, com sua pura bondade, toda pergunta. Estavam tão bem que não era necessário se preocupar com as outras peças. Uma casa grandíssima, e, na pior das hipóteses, só não deviam entrar em uma dessas peças; nunca mais de uma, assim que não tinha muita importância. Em dois dias Isabel se acostumou, como Nino. Brincavam de manhã à noite no mato de salgueiros, e se não podiam lá, restava-lhes o jardim dos trevos, o parque das redes e a margem do riacho. Na casa era igual, tinham seus quartos, o corredor do meio, a biblioteca embaixo (menos uma quinta-feira em que não puderam ir à biblioteca) e a sala de cristais. Não iam ao escritório do Luis porque Luis lia o tempo todo, às vezes chamava o filho e lhe dava livros ilustrados; mas Nino tirava-os de lá, iam vê-los no *living* ou no jardim da frente. Não entravam nunca no escritório de Nenê porque tinham medo de seus ataques de fúria. Rema disse a eles que era melhor assim, e o disse como quem os adverte; eles já sabiam ler em seus silêncios.

Afinal de contas era uma vida triste. Isabel se perguntou uma noite por que os Funes a tinham convidado a veranear em sua casa. Faltou-lhe idade para compreender que não era por ela, mas por Nino, um brinquedo de verão para alegrar Nino. Conseguia, apenas, compreender a casa triste, em que Rema vivia como que cansada, em que bastava chover pouco para as coisas ganharem um toque de úmido e abandonado. Poucos dias depois habituou-se à ordem da casa, à tolerável disciplina daquele verão em Los Horneros. Nino começava a compreender o microscópio que Luis lhe dera de presente, passaram uma semana esplêndida criando bichos em uma bacia de água choca e folhas de cala, pondo gotas na placa de vidro para olhar os micróbios. "São larvas de mosquito, com esse microscópio não podem ver os micróbios", dizia-lhes Luis em seu sorriso um pouco amargo e distante. Eles não podiam acreditar que esse horror sempre renovado não fosse um micróbio. Rema trouxe-lhes um caleidoscópio que guardava em seu armário, mas preferiam sempre descobrir micróbios e contar suas patas. Isabel mantinha uma caderneta com os apontamentos das experiências, combinava a biologia com a química e a preparação de uma farmácia. Fizeram a farmácia no quarto de Nino, depois de inspecionarem a casa toda para se equiparem de coisas. Isabel disse a Luis: "Queremos de tudo: coisas." Luis deu a eles pastilhas de Andreu, algodão cor-de-rosa e um tubo de ensaio. Nenê, uma bolsa de borracha e um frasco de pílulas verdes com a etiqueta raspada. Rema foi ver a farmácia, leu o inventário na caderneta, e disse a eles que assim estavam aprendendo coisas úteis. A ela ou a Nino (que sempre se excitava e queria brilhar diante de Rema) ocorreu montar um herbário. Como nesta manhã podiam ir ao jardim dos trevos, andaram colhendo amostras e, de noite, estavam com o chão de seus quartos cheios de folhas e flores sobre papéis, quase não sobrava lugar para pisar. Antes de dormir, Isabel anotou: "Folha n.º 74: verde, forma de coração, com pintinhas marrons." Aborrecia-se um pouco

porque todas as folhas eram verdes, quase todas lisas, quase todas lanceoladas.

No dia em que saíram para caçar formigas, viu os peões da estância. Conhecia bem o capataz e o mordomo porque levavam as notícias à casa. Mas estes outros peões, mais jovens, estavam ali do lado dos galpões com um ar de sesta, bocejando seguidamente e olhando os meninos brincar. Um deles disse a Nino: "Pra que vai juntá todesses bicho?", e lhe deu um cascudo, entre os cachos. Isabel gostaria que Nino se zangasse, demonstrasse ser o filho do patrão. Já estavam com a garrafa fervendo de formigas e na margem do riacho encontraram um enorme besouro e o puseram lá dentro também, só para ver. A idéia de um *formicário** eles tinham tirado do *Tesouro da juventude*, e Luis emprestou aos pesquisadores um grande e profundo cofre de vidro. Quando saíam, carregando-o entre os dois, Isabel ouviu-o dizer a Rema: "Melhor, porque assim estão quietos em casa." Também achou que Rema suspirava. Lembrou-se, antes de dormir, à hora das caras na penumbra, viu outra vez Nenê saindo para fumar na varanda, magro e cantarolando, Rema lhe levando o café e ele pegando a xícara enganado, tão desajeitado que apertou os dedos de Rema ao pegar a xícara, Isabel vira da sala de jantar que Rema puxava a mão para trás e Nenê mal evitava que a xícara caísse, e ria da confusão. Melhor formigas negras que vermelhas: maiores, mais ferozes. Depois soltar um

Formicário, no original, palavra inventada por Cortázar, sugerindo uma espécie de aquário para formigas.

montão de vermelhas, acompanhar a guerra de trás do vidro, bem seguros. Só se não lutassem. Dois formigueiros, um em cada canto da caixa de vidro. Eles se consolariam estudando os diferentes costumes, com uma caderneta especial para cada tipo de formiga. Mas era quase certo que lutariam, guerra *sem quartel* para olhar pelos vidros e uma só caderneta.

Rema não gostava de espiá-los, às vezes passava diante dos quartos e os via com o *formicário* ao lado da janela, apaixonados e importantes. Nino era bom para assinalar imediatamente as novas galerias, e Isabel ampliava o mapa traçado a tinta em página dupla. Aconselhados por Luis, terminaram aceitando apenas as formigas negras, e o *formicário* já estava superpovoado, as formigas pareciam furiosas e trabalhavam até à noite, cavando e removendo com mil ordens e evoluções, prudente esfregar de antenas e patas, repentinos acessos de raiva ou veemência, concentrações e debandadas sem causa visível. Isabel não sabia mais o que anotar, pouco a pouco abandonou a caderneta e passavam horas estudando e esquecendo as descobertas. Nino começava a querer voltar ao jardim, falava das redes e dos petiços. Isabel não concordava com isso. O *formicário* valia mais que toda Los Horneros, e ela se encantava de pensar que as formigas iam e vinham sem medo de nenhum tigre, às vezes ficava imaginando um tigrinho como uma borracha de apagar, rondando as galerias do *formicário*; talvez por isso as debandadas, as concentrações. E gostava de repetir o mundo grande no de vidro, agora que se

sentia um pouco presa, agora que era proibido descer à sala de jantar até que Rema avisasse.

Aproximou o nariz de um dos vidros, atenta instantaneamente porque gostava que a respeitassem; ouviu Rema deter-se na porta, calada, olhando-a. Ouvia essas coisas com tão nítida clareza quando era Rema.

— Por que está assim sozinha?

— Nino foi para a rede. Acho que esta é uma rainha, é grandíssima.

O avental de Rema se refletia no vidro. Isabel viu uma mão ligeiramente levantada, com o reflexo no vidro parecia estar dentro do *formicário*, imediatamente pensou naquela mesma mão passando a xícara de café a Nenê, mas agora eram as formigas que andavam por seus dedos, as formigas em vez da xícara e a mão de Nenê apertando a ponta dos dedos dela.

— Tire a mão, Rema — pediu.

— A mão?

— Agora está bem. O reflexo assustava as formigas.

— Ah. Já podemos descer à sala de jantar.

— Depois. Nenê está zangado com você, Rema?

A mão passou sobre o vidro como um pássaro pela janela. Isabel achou que as formigas se assustavam de verdade, que fugiam do reflexo. Agora não via mais nada, Rema fora embora, andava pelo corredor como quem foge de alguma coisa. Isabel sentiu medo de sua pergunta, um medo abafado e sem sentido, talvez não da pergunta, mas de ver Rema sair assim, do vidro outra vez límpido onde as

galerias desembocavam e se torciam como dedos crispados dentro da terra.

Uma tarde houve sesta, melancia, tênis na parede do lado do riacho, e Nino esteve formidável, fazendo pontos que pareciam perdidos e subindo ao teto pela glicínia para recuperar a bola metida entre duas telhas. Veio um peãozinho do lado dos salgueiros e jogou com eles, mas era lento e errava as jogadas. Isabel sentia o cheiro das folhas de aroeira e, em dado momento, ao rebater errado uma bola difícil, que Nino lhe enviara baixa, sentiu como se estivesse bem dentro dela a felicidade do verão. Pela primeira vez entendia sua presença em Los Horneros, as férias, Nino. Pensou no *formicário*, lá em cima, e sentiu que era uma coisa morta e transparente, um horror de patas procurando sair, um ar viciado e venenoso. Bateu na bola com raiva, com alegria, cortou um talo de aroeira com os dentes e o cuspiu enojada, feliz, afinal de verdade sob o sol do campo.

Os vidros caíram como granizo. Era no escritório de Nenê. Eles o viram surgir em mangas de camisa, com os grandes óculos escuros.

— Fedelhos de merda!

O peãozinho fugia. Nino ficou ao lado de Isabel, ela o sentiu tremer com o mesmo vento que batia nos salgueiros.

— Foi sem querer, tio.

— Verdade, Nenê, foi sem querer.

Não estava mais.

Pedira a Rema que levasse embora o *formicário* e

Rema prometeu levá-lo. Depois, conversando enquanto a ajudava a pendurar sua roupa e a vestir o pijama, esqueceram. Isabel sentiu a proximidade das formigas quando Rema apagou a luz e foi pelo corredor dar boa-noite a Nino, ainda choroso e doído, mas não se animou a chamá-la de novo, Rema pensaria que era uma criancinha. Deliberou dormir em seguida, e se esforçou como nunca. Quando chegou o momento dos rostos na penumbra, viu a mãe e Inés se olhando com um sorridente ar de cúmplices e vestindo umas luvas de um amarelo fosforescente. Viu Nino chorando, a mãe e Inés com as luvas que agora eram gorros violeta que giravam sem parar em suas cabeças, Nino com os olhos enormes e ocos — talvez por haver chorado tanto — e calculou que agora veria Rema e Luis, pois desejava vê-los e não Nenê, mas viu Nenê sem os óculos, a mesma cara contraída que tinha quando começou a bater em Nino e Nino ia andando para trás até ficar pegado à parede e o olhava como que esperando que aquilo acabasse, e Nenê voltava a acertar um tapa solto e mole, que parecia molhado, no rosto de Nino, até que Rema se intrometeu entre os dois e Nenê riu, com o rosto quase tocando o de Rema, e então se ouviu Luis voltar e dizer, de longe, que já podiam entrar na sala de jantar. Tudo tão rápido, tudo porque Nino estava ali e Rema veio dizer a eles que não saíssem do *living* até que Luis verificasse em que peça estava o tigre, e ficou com eles, vendo-os jogar damas. Nino ganhava e Rema o elogiou, então Nino ficou tão contente que passou os braços pela cintura dela e quis beijá-la. Rema se inclinara, rindo, e Nino a beijava nos olhos e no nariz,

os dois riam e Isabel também, estavam tão contentes brincando assim. Por isso não viram Nenê se aproximar, e ele foi logo dando um empurrão em Nino, dizendo alguma coisa sobre a bolada no vidro do seu estúdio e começou a bater nele; olhava Rema enquanto batia, parecia furioso com Rema e ela o desafiou um momento com os olhos, Isabel assustada viu que ela o encarava e se metia entre os dois para proteger Nino. Toda a cena foi uma dissimulação, uma mentira. Luis pensava que Nino chorava por causa de uma palmada, Nenê olhava para Rema como que mandando que ela se calasse, Isabel via-o agora com a boca dura e bela, de lábios vermelhíssimos; na sombra os lábios eram ainda mais vermelhos, via-se nela um leve brilho de dentes nascendo. Dos dentes saiu uma nuvem esponjosa, um triângulo verde, Isabel piscava para apagar as imagens e outra vez Inés e a mãe apareceram com luvas amarelas; elas as olhou um momento e pensou no *formicário:* estava ali e não o via; as luvas amarelas não estavam e ela as via como se estivessem a pleno sol. Achou quase curioso, não podia fazer aparecer o *formicário,* talvez o sentisse como um peso, um pedaço de espaço denso e vivo. Sentiu-o tanto que foi buscar um fósforo, a vela da noite. O *formicário* saltou do nada envolto em oscilante penumbra. Isabel se aproximava levando a vela. Pobres formigas, iam pensar que era o sol que saía. Teve medo quando pôde olhar um dos lados; as formigas tinham estado trabalhando em plena escuridão. Viu-as ir e vir, alvoroçadas, em um silêncio tão visível, tão palpável. Trabalhavam ali dentro como se ainda não tivessem perdido a esperança de sair.

Quase sempre era o capataz quem prevenia dos movimentos do tigre; Luis tinha a maior confiança nele e, como passava o dia todo trabalhando em seu escritório, não aparecia nunca nem deixava os do andar de cima andarem sem que Dom Roberto desse sua informação. Precisavam também comunicar-se entre si. Rema, ocupada com os afazeres da casa, sabia bem o que se passava nos andares de baixo e de cima. Outras vezes eram as crianças que traziam a notícia a Nenê ou a Luis. Não porque tivessem visto qualquer coisa, mas se Dom Roberto os encontrava do lado de fora indicava a eles o paradeiro do tigre e eles voltavam a casa para avisar. Acreditavam sempre em Nino, em Isabel menos, porque era muito criança e podia se enganar. Depois, como andava sempre com Nino grudado às suas saias, acabaram acreditando nela também. E isso, de manhã e de tarde; de noite era Nenê quem saía para verificar se os cachorros estavam amarrados ou se havia restos de rescaldo perto das casas. Isabel viu que levava o revólver e, às vezes, uma bengala com castão de prata.

Não queria perguntar a Rema porque Rema parecia ver nisso alguma coisa óbvia e necessária; perguntar-lhe teria sido passar por boba, e ela tratava de cuidar de seu orgulho diante de outra mulher. Nino era desembaraçado, falava e explicava. Tudo tão claro e evidente quando ele explicava. Mas de noite, se desejava repetir essa clareza e essa evidência, Isabel compreendia que as razões importantes continuavam faltando. Aprendeu depressa o que realmente importava: verificar antecipadamente se podiam sair da casa ou descer à sala de cristais, ao

escritório de Luis, à biblioteca. "É preciso acreditar em Dom Roberto", dissera Rema. Também nela e em Nino. Não perguntava a Luis porque poucas vezes sabia. Mas a Nenê, que sabia sempre, jamais perguntou. E assim tudo era simples, a vida se organizava para Isabel com algumas obrigações a mais quanto à ação, e algumas a menos quanto à roupa, às refeições, à hora de dormir. Um veraneio de verdade, como deveria ser o ano inteiro.

... vê-la logo. Eles estão bem. Tenho um formicário *com Nino e brincamos e já estamos fazendo um herbário muito grande. Rema manda beijos, ela está bem. Acho-a triste, e também Luis, que é muito bom. Eu acho que o Luis tem alguma coisa, por isso estuda tanto. Rema me deu uns lenços de cores lindas, Inés vai gostar deles. Mamãe, isto aqui é lindo e eu me divirto com o Nino e com Dom Roberto, que é o capataz e nos diz quando podemos sair e para onde, uma tarde quase que ele se engana e nos manda à margem do riacho, nisto veio um peão para dizer que não, a senhora precisava ver como Dom Roberto ficou aflito, e também a Rema, ela levantou o Nino e ficou beijando ele, e me abraçou muito. Luis ficou dizendo que a casa não era para crianças, e Nino lhe perguntou quem eram as crianças e todos riram muito, até Nenê ria. Dom Roberto é o capataz.*

Se a senhora viesse me buscar ficaria alguns dias e poderia estar com Rema e alegrá-la. Eu acho que ela...

Mas dizer à mãe que Rema chorava de noite, que

a tinha ouvido chorar caminhando pelo corredor com passos titubeantes, parar na porta de Nino, continuar, descer a escada (estaria enxugando os olhos) e a voz de Luis, distante: "Que é que você tem, Rema? Não está bem?", um silêncio, toda a casa como uma imensa orelha, depois um murmúrio e outra vez a voz de Luis: "É um miserável, um miserável...", quase como quem comprova friamente um fato, uma filiação, talvez um destino.

... está um pouco doente, seria bom que a senhora viesse acompanhá-la. Preciso lhe mostrar o herbário e umas pedras do riacho que os peões me trouxeram. Diga a Inés...

Era uma noite como ela gostava, com bichos, umidade, pão requentado e pudim de sêmola com passas de Corinto. Os cachorros latiam o tempo todo na margem do riacho, um gafanhoto enorme pousou de um vôo só na toalha e Nino foi buscar a lente, cobriram-no com um vidro de boca larga e o fizeram se agitar para que mostrasse as cores de suas asas.

— Ponha fora este bicho — pediu Rema. — Tenho nojo dele.

— É um belo exemplar — admitiu Luis. — Vejam como ele acompanha minha mão com os olhos. É o único inseto que gira a cabeça.

— Que droga de noite — disse Nenê, atrás do jornal.

Isabel teria preferido decapitar o gafanhoto, darlhe uma tesourada e ver o que acontecia.

— Deixe-o dentro do vidro — pediu Nino. —

Amanhã a gente pode botá-lo no *formicário* para estudar.

O calor aumentava, às dez e meia não se respirava. As crianças ficavam com Rema na sala de jantar, os homens estavam em seus escritórios. Nino foi o primeiro a dizer que estava com sono.

— Suba sozinho, vou ver você depois. Lá em cima está tudo em ordem. — Então Rema o pegava pela cintura, com um gesto que o agradava muitíssimo.

— Conte uma história para a gente, tia Rema.

— Outra noite.

Ficaram sozinhas com o gafanhoto que as olhava. Luis veio lhes dar boa-noite, murmurou alguma coisa sobre a hora em que as crianças deviam ir para a cama, Rema sorriu ao beijá-lo.

— Urso resmungão — disse, e Isabel, inclinada sobre o vidro do gafanhoto, pensou que nunca havia visto Rema beijar Nenê e um gafanhoto de um verde tão verde. Sacudia um pouco o vidro e o gafanhoto se agitava. Rema se aproximou para pedir que fosse dormir.

— Jogue fora esse bicho, é horrível.

— Amanhã, Rema.

Pediu que subisse para lhe dar boa-noite. Nenê estava com a porta do escritório entreaberta e passeava em mangas de camisa, o colarinho aberto. Assobiou para ela ao passar.

— Vou dormir, Nenê.

— Olhe: diga a Rema que me faça uma limonada bem gelada e que a traga aqui. E você, depois, suba direto a seu quarto.

Claro que subiria a seu quarto, não via por que ele

precisava mandar. Voltou à sala de jantar para dizer a Rema, notou que hesitava.

— Não suba ainda. Vou fazer a limonada e você mesma leva.

— Ele disse que...

— Por favor.

Isabel sentou ao lado da mesa. Por favor. Havia nuvens de insetos girando sob o lampião de carbureto, teria ficado horas olhando o nada e repetindo: Por favor, por favor. Rema, Rema. Gostava muito dela, e essa voz de tristeza inesgotável, sem razão possível, a própria voz da tristeza. Por favor. Rema, Rema... Um calor de febre subiu ao seu rosto, um desejo de se atirar aos pés de Rema, de se deixar levar no colo por Rema, uma vontade de morrer olhando para ela, e que Rema tivesse pena dela, passasse os seus finos e delicados dedos pelo cabelo dela, pelas pálpebras dela...

Entregava-lhe agora uma jarra verde cheia de limões cortados e gelo.

— Leve-a.

— Rema...

Achou que tremia, que virava as costas à mesa para que não visse seus olhos.

— Já joguei fora o gafanhoto, Rema.

Dorme-se mal com o calor pegajoso e tanto zumbir de mosquitos. Duas vezes esteve a ponto de se levantar, sair ao corredor ou ir ao banheiro molhar os pulsos e o rosto. Mas ouvia alguém lá embaixo, alguém que caminhava de um lado para o outro na sala de jantar, chegava ao pé da escada, voltava... Não eram os passos abafados e espaçados de Luis,

não era o caminhar de Rema. Quanto calor tinha Nenê nesta noite, bebera toda a limonada em grandes goles. Isabel via-o bebendo da própria jarra verde com rodelas amarelas oscilando na água sob o lampião; ao mesmo tempo, porém, estava certa de que Nenê não tinha bebido a limonada, que estava ainda olhando a jarra que ela levara até a mesa como alguém que olha uma perversidade infinita. Não queria pensar no sorriso do Nenê, seu caminhar até a porta como quem vai se dirigir à sala de jantar, seu lento retorno.

— Ela é quem devia trazer. E você, eu mandei ir logo para o quarto.

E não lhe ocorrer senão uma resposta tão idiota:

— Está bem gelada, Nenê.

E a jarra verde como o gafanhoto.

Nino se levantou primeiro e propôs que fossem buscar caracóis no riacho. Isabel quase não dormira, lembrava de salões com flores, campainhas, corredores de clínica, irmãs de caridade, termômetros em vidros com bicloreto, retratos de primeira comunhão, Inés, a bicicleta quebrada, o Trem Misto, a fantasia de cigana dos oito anos. Entre tudo isso, como um sopro entre as folhas de um álbum, ela se sentia acordada, pensando em tantas coisas que não eram flores, campainhas, corredores de clínica. Levantou-se de má vontade, lavou com força as orelhas. Nino disse que eram dez horas e que o tigre estava na sala do piano, de modo que podiam ir logo ao riacho. Desceram juntos, cumprimentando Luis e Nenê de passagem, que liam com as portas abertas. Os caracóis estavam na encosta sobre os trigais.

Nino se queixava da distração de Isabel, chamou-a de má companheira e a acusou de não ajudá-lo a fazer a coleção. Ela o via de repente tão criança, tão garotinho entre seus caracóis e suas folhas.

Voltou primeiro, quando na casa já hasteavam a bandeira para o almoço. Dom Roberto voltava da inspeção e Isabel o interrogou como sempre. Nino se aproximava devagar, carregando a caixa de caracóis e os ancinhos, Isabel ajudou-o a deixar os ancinhos na varanda e entraram juntos. Rema estava ali, branca e calada. Nino pôs um caracol na mão dela.

— Para a senhora, o mais lindo.

Nenê já estava comendo, com o jornal ao lado, para Isabel mal sobrava lugar onde apoiar o braço. Luis foi o último a sair do quarto, contente como sempre ao meio-dia. Comeram, Nino falava dos caracóis, os ovos de caracóis nos bambus, a coleção por tamanhos e cores. Ele os mataria sozinho, porque Isabel tinha pena, e os colocaria para secar em uma chapa de zinco. Depois veio o café e Luis olhou para eles com a pergunta de costume, então Isabel foi a primeira a se levantar para procurar Dom Roberto, embora Dom Roberto já lhe tivesse dito antes. Deu uma volta pela varanda e, quando entrou outra vez, Rema e Nino estavam com as cabeças juntas sobre os caracóis, como em uma fotografia de família, só Luis a olhou e ela disse: "Está no escritório do Nenê", ficou vendo como Nenê levantava os ombros, enfastiado, e Rema, tocando em um caracol com a ponta do dedo, tão delicadamente que também seu dedo ganhava jeito de caracol. Depois Rema se levantou para buscar açúcar, e Isabel foi atrás dela conversando até que voltaram rindo de

uma brincadeira que fizeram na copa. Acabados os cigarros, Luis mandou Nino a seu escritório, Isabel desafiou-o a encontrá-los primeiro e saíram juntos. Ganhou Nino, voltaram correndo e se empurrando, quase esbarraram em Nenê que ia ler o jornal na biblioteca, queixando-se por não poder usar o seu escritório. Isabel se aproximou para olhar os caracóis, e Luis, esperando que ela lhe acendesse o cigarro como de hábito, viu-a distraída, estudando os caracóis que começavam a aparecer e a se movimentar devagarinho, olhando de repente para Rema, mas se afastando dela como um relâmpago, e obcecada pelos caracóis, tanto que não se mexeu ao primeiro grito de Nenê, todos corriam agora e ela estava sobre os caracóis como se não ouvisse o novo grito sufocado de Nenê, os murros de Luis na porta da biblioteca, Dom Roberto entrando com os cachorros, os gemidos de Nenê entre os latidos furiosos dos animais, e Luis repetindo: "Mas estava no escritório dele! Ela disse que estava no escritório dele!", inclinada sobre os caracóis esbeltos como dedos, talvez como os dedos de Rema, ou era a mão de Rema que a pegava pelo ombro, fazia-a levantar a cabeça para olhá-la, olhar para ela uma eternidade, derrotada por seu pranto feroz contra a saia de Rema, sua desfigurada alegria, e Rema passando a mão pelos cabelos dela, acalmando-a com um suave apertar de dedos e um murmúrio em seu ouvido, um balbuciar como de gratidão, de inominável aquiescência.